

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

***AÍ* MARCADOR DE ESPECIFICIDADE DE SN INDEFINIDOS:
UM ESTUDO FUNCIONALISTA COM IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

NATAL

2008

**AÍ MARCADOR DE ESPECIFICIDADE DE SN INDEFINIDOS:
UM ESTUDO FUNCIONALISTA COM IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Por

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Lingüística Aplicada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Alice Tavares.

NATAL

2008

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).
NNBSE-CCHLA

Confessor, Francisco Wildson.

Aí marcador de especificidade de SN indefinidos: um estudo funcionalista com implicações para o ensino / Francisco Wildson Confessor. – Natal, RN, 2008.

100 f.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Alice Tavares.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística aplicada.

1. Linguística Aplicada – Dissertação. 2. Aí marcador de especificidade - Dissertação. Funcionalismo lingüístico – Dissertação. 3. Ensino de Língua portuguesa – Dissertação. I. Tavares, Maria Alice. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'33

FRANCISCO WILDSON CONFESSOR

**AÍ MARCADOR DE ESPECIFICIDADE DE SN INDEFINIDOS:
UM ESTUDO FUNCIONALISTA COM IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Dissertação de Mestrado, defendida por Francisco Wildson Confessor, aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na área de Lingüística Aplicada, aprovada pela banca examinadora, em 25 de abril de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Orientadora

Profa. Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará
Examinador externo

Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador interno

Ao meu pai (*in memoriam*),

À minha querida mãe,

Aos meus irmãos e irmãs,

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu criador e senhor, único digno de receber toda glória, honra e louvor.

À professora Doutora Maria Alice Tavares, pela orientação paciente, amiga e sábia, e por sempre ter acreditado em mim.

À professora Doutora Maria Angélica Furtado da Cunha e ao professor Doutor Marcos Antonio Costa pela participação e sugestões no exame de qualificação deste trabalho.

À minha mãe, dona Francisquinha, que sempre me apoiou em tudo.

À professora Doutora Maria Hozanete de Lima, que desde a época da graduação me incentivava a trilhar por este caminho.

Às amigas Fabíola Barreto e Laís Karla da Silva Barreto e ao amigo José Mílson dos Santos pela ajuda, pelas conversas, enfim, pela amizade.

Ao CNPq pelo incentivo financeiro.

A todos aqueles que me apoiaram e torceram por mim.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar o comportamento de *Aí* marcador de especificidade de Sintagmas Nominais indefinidos, uma das muitas funções que este item lingüístico desempenha no português brasileiro contemporâneo. Sob a perspectiva teórica da Lingüística Funcional, em sua vertente norte-americana, procuramos esboçar uma possível trajetória de gramaticalização por que *Aí* marcador de especificidade passou, a partir de sua função fonte de dêitico espacial até vir a integrar o SN indefinido, e observar a atuação de princípios fundamentais da teoria, como iconicidade e informatividade, sobre o uso desse item. Em seguida, descrevemos o comportamento de *Aí* marcador de especificidade no que diz respeito a diversos fatores de ordem lingüística e social: tipo de texto em que a ocorrência foi encontrada; modalidade da língua em que foi produzida; função sintática desempenhada pelo SN especificado por *Aí*; existência ou não de material interveniente entre *Aí* e o nome nuclear do SN; *status* informacional do SN adjungido a *Aí*; gênero do falante e escolaridade/idade. Procuramos, ainda, verificar a ocorrência de implicaturas conversacionais (GRICE, 1982) nos contextos de uso de *Aí* marcador de especificidade, e refletimos acerca do ensino de gramática e da possibilidade e validade de se trabalhar com itens marcadores da especificidade do sintagma nominal nas aulas de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio de ensino. Os dados usados nesta pesquisa são provenientes do *Corpus* Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) e do *Corpus* Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro (VOTRE; OLIVEIRA, 1995).

Palavras-chave: *Aí* marcador de especificidade, Funcionalismo Lingüístico, ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

This body of work aims to describe and analyze the behavior of the 'Aí' specificity marker of indefinite Noun Phrases (NP), one of the many functions this linguistic item is developing in contemporary Brazilian Portuguese. From the Functional Linguistic theory perspective, the North American declivity, this project intends to outline the possible grammaticalization trajectory taken by the 'Aí' specificity marker. It will be followed from its function as a spatial deitic up to its integration of indefinite NP, and the action of the fundamental principles of the theory, such as iconicity and informativity, will be observed on the use of this item. Following this, 'Aí' specificity marker behavior will be described in respect to various linguistic and social factors: type of text where the occurrence is encountered, language modality in which the latter is produced, syntactic function developed by the NP specified by 'Aí', the existence or lack of material intervening between Aí and the NP nuclear noun, informational status of the NP adjudged to 'Aí', and finally, sex, education and age of the speaker. The occurrence of conversational implicatures will also be verified (GRICE, 1982) within the contexts of 'Aí' specificity marker use. Reflections on the teaching of grammar will be made, as well as on the possibility and validity of working with noun phrase specificity markers in elementary and high school Portuguese language classes. The data used in this research project stem from '*Corpus Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Natal*' (FURTADO DA CUNHA, 1998), and from '*Corpus Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*' (VOTRE; OLIVEIRA, 1995).

Key words: Aí specificity marker, Linguistic Functionalism, Portuguese language teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade por Tipo de Texto, p. 69.

Tabela 2: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade por Modalidade da língua, p. 69.

Tabela 3: Função Sintática do SN especificado por *AÍ*, p. 71.

Tabela 4: Existência de Material Interveniente entre *AÍ* e o núcleo do SN, p. 72.

Tabela 5: *Status* informacional de SN indefinidos com *AÍ* marcador de especificidade, p. 73.

Tabela 6: *Status* informacional dos SN com *AÍ* distribuídos por função sintática, p. 76.

Tabela 7: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade distribuídas por gênero, p. 76.

Tabela 8: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade distribuídas por nível de escolaridade/ idade, p. 77.

Tabela 9: Implicaturas conversacionais presentes nas ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade, p. 78.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
1 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO	17
1.1 Tipos de sintagmas nominais	19
1.2 A proposta de Enç (1991)	25
1.3 <i>Alí</i> marcador de especificidade de SN indefinidos	28
1.4 Implicaturas conversacionais	30
CAPÍTULO II	
2 ESTADO DA ARTE	36
CAPÍTULO III	
3 REFERENCIAL TEÓRICO	42
3.1 A proposta de Hopper	43
3.1.1 Estratificação	44
3.1.2 Divergência	44
3.1.3 Especialização	45
3.1.4 Persistência	45
3.1.5 De-categorização	45
3.2 Mecanismos de gramaticalização	46
3.2.1 Transferência metafórica	46
3.2.2 Reinterpretação induzida pelo contexto	47
3.2.3 Reanálise	49
3.2.4 Analogia	50

3.3	A proposta de Givón	51
3.4	Informatividade	56
CAPÍTULO IV		
4	METODOLOGIA	58
CAPÍTULO V		
5	ANÁLISE DOS DADOS	61
5.1	O processo de gramaticalização de <i>Aí</i> marcador de especificidade.....	61
5.1.1	Os princípios de gramaticalização	61
5.1.1.1	Estratificação.....	61
5.1.1.2	Divergência	62
5.1.1.3	Especialização	63
5.1.1.4	Persistência.....	63
5.1.1.5	De-categorização	64
5.1.2	Os mecanismos de gramaticalização	64
5.1.2.1	Transferência metafórica.....	64
5.1.2.2	Reinterpretação induzida pelo contexto	66
5.1.3	Iconicidade sintagmática <i>versus</i> iconicidade paradigmática.....	67
5.2	Fatores lingüísticos e sociais	68
5.3	Implicaturas conversacionais.....	77
CAPÍTULO VI		
6	SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS		87
REFERÊNCIAS		90
ANEXOS		94

Anexo 1	95
Anexo 2	98
Anexo 3	100

INTRODUÇÃO

As línguas estão em constante mudança, num processo evolutivo sem fim. Prova disso é que o português falado no século XVI, na época da colonização do Brasil, soaria no mínimo estranho aos ouvidos de um falante do século XXI. Até mesmo o português do início do século XX é, em muitos aspectos, diferente do atual; isso sem falar nas variedades lingüísticas regionais e sociais.

Um fenômeno bastante comum na evolução das línguas é o surgimento de novas funções lingüísticas para itens lexicais ordinários. Destarte, uma palavra como *Aí* pode desempenhar diversas funções no português brasileiro, tais como dêitico, quando aponta para um lugar do mundo real, exterior ao discurso; anafórico, quando aponta para um espaço que já foi mencionado (anafórico locativo) ou para um período de tempo referido previamente (anafórico temporal); conector, ao estabelecer uma ponte entre porções precedentes e subseqüentes do discurso, funcionando como um conector seqüenciador; e marcador de especificidade de sintagmas nominais (SN) indefinidos (cf. TAVARES; GÖRSKI, 2006)¹.

Essa última função de *Aí* – marcador de especificidade de SN indefinidos – é a que nos interessa nesta pesquisa, em que estudamos esse item à luz do Funcionalismo Lingüístico de vertente norte-americana (cf. GIVÓN, 1993, 2001; HOPPER, 1987, 1998;

¹ Apresentamos a seguir exemplos de ocorrências de *Aí* codificando as funções de dêitico, anafórico e conector extraídos de Tavares e Gorski (2006). Não nos deteremos na descrição detalhada dessas outras funções codificadas por *Aí* por não esse o foco desta pesquisa.

- (1) Ele chegou e disse assim: “Ó, Dona T., a senhora – a senhora não deixa a chave *Aí*, porque, às vezes pode- assim como eu vi, outros podem ver” (TE/FLP16:822) – DÊITICO (aponta para o local onde a senhora mencionada pelo informante deixou a chave).
- (2) Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. *Aí* procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, *Aí* que ele estava. Fui olhar, ele estava todo queimado. (RO/FLP03:885) – ANAFÓRICO LOCATIVO (aponta para o hospital que já fora mencionado anteriormente).
- (3) Quando eu tinha doze anos, ela apareceu de novo. *Aí* eu já estava adulta. (est) *Aí* eu já estava grande, né? (RO/FLP03:157) – ANAFÓRICO TEMPORAL (aponta para o período, já referido, em que a pessoa mencionada pelo informante apareceu).
- (4) *Aí* eles se metem dentro, *Aí* estoura tudo, *Aí* vem a máquina, vai tirando aquelas pedras menores, né? ficam mais ou menos assim, põe dentro do britador, *Aí* eles vão para outra barreira de pedra que tem (MC/FLP09J:1200) – CONECTOR (estabelece conexão entre as orações do discurso do informante).

HEINE et al., 1991a/b; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Observemos um exemplo da ocorrência do item sob enfoque:

- (1) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar umas coisas *AÍ*... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... mora no Norte... nem ia/ como é que eu ia passar pra pegar uma fita de vídeo ainda... né?” (*Corpus D&G-Rio – parte oral*).

Nesse exemplo, *AÍ* integra o SN indefinido, acrescentando-lhe um traço de especificidade, isto é, *AÍ* indica, para o ouvinte, que o referente de *coisas*, mesmo tendo sido codificado através de um SN indefinido (*umas coisas*), é específico para o falante. Ou seja, o falante revela ao ouvinte, através do uso de *AÍ*, que conhece a identidade do referente de *coisas*, isto é, que sabe de que se tratam as coisas que mencionou. Por sua vez, o ouvinte não conhece tal identidade, mas percebe, ao ouvir o *AÍ*, que se trata de algo específico para o falante, e infere que deve ter havido alguma razão para que este não esclarecesse a identidade do referente do SN (por exemplo, por julgar que ela seja irrelevante para os fins da conversação corrente)².

Durante nossa prática docente e, até mesmo no dia-a-dia, percebemos que itens lingüísticos que adquirem novas funções – um fato bastante comum em todas as línguas, prova de sua dinamicidade – são geralmente estigmatizados por muitos usuários da língua, especialmente no contexto escolar, no qual são tratados, muito comumente, como vícios de linguagem ou palavras sem significado. Isso faz com que as pessoas que os utilizam também sejam discriminadas, sendo consideradas, muitas vezes, usuários menos competentes da língua. Nossa opinião a respeito desse assunto é a de que o surgimento de uma nova função gramatical para um item lingüístico sinaliza uma mudança na língua, que não deve ser desconsiderada. Esse é o caso do

² Tal constatação adveio de testes de julgamento informais realizados durante a execução da pesquisa. No entanto, pretendemos proceder a testes mais organizados em pesquisas futuras.

emprego de *AÍ* como marcador de especificidade, que é oriundo de seu emprego como dêitico (cf. quinto capítulo).

Com a intenção de contribuir para um conhecimento mais refinado a respeito do uso de *AÍ* marcador de especificidade no português brasileiro contemporâneo e do processo de mudança por que passou esse item lingüístico, propomos a exploração das questões a seguir no decorrer da pesquisa:

- a) Qual o comportamento de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos frente a fatores de natureza lingüística (tipo de texto, modalidade da língua, função sintática, material interveniente e *status* informacional)?
- b) Quais implicaturas conversacionais são perceptíveis nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade?
- c) Fatores sociais influem no uso de *AÍ* marcador de especificidade?
- d) Podemos perceber, nos usos sincrônicos de *AÍ* marcador de especificidade, indícios do processo de mudança lingüística pelo qual passou?
- e) É possível propor estratégias de ensino-aprendizagem no que diz respeito ao caso de *AÍ* marcador de especificidade? Qual a validade de se trabalhar com esse item nas escolas de nível fundamental e médio?

Justificamos, neste trabalho, a relevância de estudos como o nosso, que procuram investigar aspectos lingüísticos a partir do seu uso em situações reais de produção, a fim de oferecer contribuições para: o desenvolvimento teórico da área de lingüística; o estímulo ao surgimento de outras pesquisas que abordem temas correlatos; o ensino de língua portuguesa.

Assim, apresentamos como objetivo geral de nossa pesquisa descrever e analisar, à luz do referencial teórico do funcionalismo lingüístico norte-americano, o

comportamento de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos no português brasileiro contemporâneo. Como objetivos específicos, apresentamos os seguintes:

- Descrever e analisar o comportamento de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos frente a fatores de natureza lingüística (tipo de texto, modalidade da língua, função sintática, material interveniente e *status* informacional).
- Enumerar as principais implicaturas conversacionais envolvidas no uso de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos;
- Verificar a possível influência de fatores sociais sobre o uso de *AÍ* marcador de especificidade;
- Mapear, nos usos sincrônicos de *AÍ* marcador de especificidade, indícios a respeito de seu processo de gramaticalização;
- Considerar possíveis implicações para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, advindas dos resultados obtidos.

Esta dissertação divide-se em seis capítulos. O primeiro deles é dedicado à Apresentação do Fenômeno, no qual tecemos considerações acerca do nosso objeto e de sua inclusão no sintagma nominal.

No segundo, apresentamos o Estado da Arte, uma síntese de estudos que tratam do item *AÍ* em sua função de marcador de especificidade.

O Referencial Teórico em que nos baseamos para a execução desta pesquisa – o Funcionalismo Lingüístico em sua vertente norte-americana – é delineado no terceiro capítulo, em que apresentamos os conceitos da teoria que são fundamentais para a análise de nosso objeto de pesquisa, como gramaticalização, iconicidade e informatividade.

O quarto capítulo trata da Metodologia, na qual descrevemos o *corpus* pesquisado, bem como os fatores de ordem lingüística e social por nós controlados no desenvolvimento da pesquisa.

O quinto capítulo é destinado à Análise dos dados, no qual esboçamos uma possível trajetória de gramaticalização para *Aí* marcador de especificidade, além de descrevermos o comportamento desse item relativamente a fatores de ordem lingüística e social.

No sexto capítulo, refletimos acerca do ensino de gramática e da possibilidade e validade de se trabalhar com itens marcadores da especificidade do sintagma nominal nas aulas de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio.

Por último, apresentamos as Considerações Finais, que resumem os principais resultados obtidos, apontando também alguns possíveis desdobramentos futuros para a pesquisa.

1 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO

Neste capítulo, tratamos do fenômeno da especificação nominal, destacando, principalmente, o papel de *Aí* como marcador de especificidade de SN indefinidos. Para tanto, faz-se necessário o esclarecimento de alguns conceitos que serão fulcrais no decorrer da pesquisa, quais sejam: a definição de sintagma, de sintagma nominal, de definitude e indefinitude, e de especificidade, entre outros.

Um sintagma, de acordo com Trask (2006, p. 269), “é uma unidade gramatical que é menor do que uma oração”, isto é, um sintagma é uma unidade sintática básica constituída geralmente, ainda que não invariavelmente, de duas palavras e que não apresenta todos os elementos encontrados em uma oração, muito embora a junção de dois ou mais sintagmas produza uma oração. Qualquer sintagma é constituído de um **núcleo**, que determina a natureza do sintagma. Assim, em um **sintagma verbal** o núcleo é um verbo, em um **sintagma preposicional** a preposição é o núcleo.

O sintagma nominal (SN) é uma unidade sintática construída normalmente em torno de um substantivo comum ou próprio, que lhe servirá de núcleo. Os SN também podem ser constituídos apenas por pronomes pessoais, os quais formam SN pronominais. Como qualquer outro tipo de sintagma, os SN podem conter em si mesmos um SN menor. Os SN geralmente têm a seguinte estrutura: **determinante + substantivo + modificador**, embora também possam ser formados por um substantivo somente. Os determinantes são codificados por artigos, numerais, pronomes possessivos e demonstrativos; os modificadores são em geral adjetivos ou locuções adjetivas e advérbios.

Os determinantes também podem ser considerados como **clíticos**, isto é, morfemas que atuam no nível sintagmático e se unem fonologicamente a uma outra palavra, conhecida como **hospedeiro**, a fim de poderem ser integrados ao discurso padrão, no qual não poderiam ocorrer sozinhos (cf. PAYNE, 1997, p. 22). Uma característica dos clíticos, de acordo com Payne (*op.cit.*) é a de que podem ter como hospedeiro qualquer um dos constituintes do sintagma nominal. O autor apresenta

como exemplo o artigo *the* do inglês (equivalente aos artigos definidos do português), que pode ser cliticizado a membros diversos do SN: *the dog* (o cachorro) – cliticizado ao núcleo; *the big dog* (o cachorro grande) – cliticizado ao modificador; *the two big dogs* (os dois cachorros grandes) – cliticizado ao numeral.

É importante também fazer distinção entre **modificador** e **especificador** (um subtipo dos determinantes), já que ambos são elementos que podem fazer parte do SN, embora com funções diferentes. Segundo Trask (2006, p. 195), um modificador é “um elemento lingüístico que está ligado gramaticalmente a um segundo elemento e traz informações sobre ele”. Em outras palavras, um modificador caracteriza a palavra à qual está ligado. Observe-se a sentença a seguir:

(2) O menino travesso do vizinho quebrou a janela da nossa casa.

O SN *o menino travesso do vizinho* compõe-se do núcleo *menino* – o sintagma como um todo denota algum tipo de menino – e *menino* tem dois modificadores: *travesso* e *do vizinho*. Cada um desses modificadores fornece uma informação a mais sobre o menino em questão: entre todos os meninos, aquele de que trata a oração caracteriza-se por ser ao mesmo tempo *travesso* e *do vizinho*. Já a palavra *o* não é um modificador, e sim um determinante com função de **especificador**³; não dá informações sobre o menino – não faria sentido dizer que o menino em questão é *o* quando comparado aos outros – mas aponta para o modo como o sintagma se encaixa no discurso; no exemplo, indica que o menino já foi mencionado antes e é conhecido pelo interlocutor. Pode-se concluir também que os especificadores são clíticos, já que não podem ocorrer sozinhos no discurso, como, por exemplo, em resposta a uma pergunta.

Neste estudo, todavia, optamos por denominar *AÍ* não como *especificador* e sim como *marcador de especificidade*, por acreditar que, embora partilhe com determinantes especificadores como *o* e *a* (artigos definidos) a função de apontar o

³ Os itens reunidos sob o rótulo de *determinantes* podem especificar o referente do SN (caso dos artigos definidos), quantificar o referente do SN (caso dos numerais), estabelecer relações de referência dêitica ou anafórica (caso dos demonstrativos), etc.

modo como o sintagma ao qual pertence se encaixa no discurso, ele não desempenha exatamente a mesma função que esses especificadores, isto é, *Aí* não indica que o referente do sintagma já foi mencionado antes e é conhecido pelo interlocutor, e sim indica, ao ouvinte, que o referente do sintagma, que não foi mencionado antes, não é conhecido pelo ouvinte, mas apenas pelo falante. Ele marca, portanto, a especificidade do SN indefinido da perspectiva do falante, e informa, ao ouvinte, esse caráter específico que o SN tem para o falante.

1.1 Tipos de sintagmas nominais

Os SN podem ser **definidos**, **indefinidos** e **genéricos**. Para Givón (1993, p. 232), um SN é definido quando o falante supõe que um referente é *mentalmente acessível* ou *identificável* pelo ouvinte. Se não houver essa relação, o SN é indefinido. De acordo com Abbott (2004, p.123), as construções lingüísticas que prototipicamente codificam a definitude e a indefinitude no inglês – o que também parece ser válido para o português – são constituídas, respectivamente, pelo artigo definido *the* (correspondente a todos os artigos definidos em português) e o SN determinado por ele, e pelo artigo indefinido *a/an* (um(s), uma(s)) e o SN determinado por ele.

SN genéricos referem-se, segundo Givón (*op. cit.*), a um tipo (*type*), uma espécie ou um gênero (*genus*) e não a um indivíduo particular ou a um grupo. No inglês, SN genéricos geralmente aparecem em quatro formas gramaticais distintas quando ocupam a função de sujeito da oração: definido (3), plural (4), plural quantificado (5) e indefinido (6):

(3) **The lion** is a dangerous feline.

O leão é um felino perigoso.

(4) **Lions** are dangerous.

Leões são perigosos.

(5) **All lions** are dangerous.

Todos os leões são perigosos.

Many lions are dangerous.

Muitos leões são perigosos.

Some lions are dangerous.

Alguns leões são perigosos.

(6) **A lion** is a dangerous feline.

Um leão é um felino perigoso.

Abbott (2004) trata da questão da definitude dos SN a partir de uma série de propriedades que procuram evidenciar a essência da definitude e, por conseguinte, da indefinitude. Dentre as propriedades abordadas pela autora, destacamos duas que estão mais diretamente relacionadas ao nosso objeto de estudo: **familiaridade** e **especificidade**.

A abordagem da familiaridade, segundo Abbott, teve especial destaque no trabalho de Heim (1982 *apud* ABBOTT, 2004), para quem a função principal dos SN indefinidos é introduzir novas entidades no discurso enquanto os SN definidos são empregados especialmente para se referir a entidades já mencionadas no discurso, como no exemplo a seguir:

(7) *A woman sat with a cat on her lap. She stroked the cat and it purred.*

Uma mulher sentou com um gato em seu colo. Ela afagou o gato e ele ronronou.

Nessa visão, a diferença entre SN indefinidos e definidos relaciona-se com as condições de NOVIDADE e FAMILIARIDADE de Heim, respectivamente. SN indefinidos

são usados para introduzir uma nova variável, ao passo que SN definidos são interpretados como se referindo a uma variável já introduzida.

Com relação à especificidade, Abbott faz um breve retrospecto de algumas visões acerca dessa propriedade dos SN. Dentre as abordagens citadas pela autora, destacamos a visão de Haspelmath (1997), segundo a qual um SN indefinido é específico se o seu referente é conhecido pelo falante, isto é, se o falante tem um indivíduo particular em mente. Observe-se:

(8) Mary talked to a logician.

Mary falou com um lógico.

Essa oração pode apresentar uma leitura específica e uma não-específica. Será específica se o ouvinte a interpretar como significando que o falante sabe quem é o lógico em questão; e não-específica, se o ouvinte a interpretar como significando que a identidade do lógico não é conhecida pelo falante. Ou seja, um sintagma nominal indefinido pode ser ambíguo quanto à interpretação que o ouvinte lhe atribui, como se referindo a algo específico ou não, do ponto de vista do falante. Em outras palavras, o ouvinte pode não ter certeza de que o falante está se referindo a algo específico ou a algo não-específico quando utiliza um sintagma nominal indefinido.

Em nossa análise, apontamos que, ao ouvir (8), o interlocutor não é informado sobre se o falante conhece ou não a identidade do lógico, isto é, uma vez que o lógico é referido através de um sintagma indefinido, o que é informado, através desse sintagma, é que o falante crê que o ouvinte não conheça a identidade do lógico, ficando em aberto se o falante conhece essa identidade ou não. Ou seja, não são fornecidos ao ouvinte, em (8), indícios acerca de qual leitura é válida, a específica ou a não-específica, pois essas leituras dependem do conhecimento do falante, que não é compartilhado com o ouvinte. Assim, o ouvinte pode perceber a existência de duas leituras possíveis para (8), a específica e a não-específica, mas não ter informações suficientes para selecionar uma delas.

Todavia, se, na mesma oração, fosse empregado não apenas um sintagma indefinido, mas sim um sintagma indefinido acompanhado por *Aí* marcador de especificidade, o ouvinte teria acesso a uma única interpretação possível: a específica, pois *Aí* indica que o falante conhece a identidade daquilo a que está se referindo, eliminando, assim, a possibilidade de leitura não-específica.

Payne (1997, p. 261) aborda a questão da definitude e indefinitude dos SN de uma maneira um pouco diferente. O autor trabalha com o que denomina de condições pragmáticas (*pragmatic statuses*) que têm a ver com “as escolhas que os falantes fazem sobre como adaptar seus enunciados ao contexto, incluindo o ‘estado mental’ presumido do destinatário”. Para o autor, quando nos comunicamos com outras pessoas, nós, como falantes, constantemente:

“(1) avaliamos o presente estado mental de nossa audiência, por exemplo, o que eles já sabem, do que estão atualmente tratando, em que estão interessados, etc. e (2) construímos nossa mensagem para ajudar a audiência a revisar seu estado mental na direção que gostaríamos que ele fosse. Por exemplo, podemos realçar itens aos quais queremos que alguém preste atenção, e aos quais percebemos que ele/ela ainda não está prestando atenção” (*id., ibid.*)

A maneira como os SN são codificados no discurso reflete, pois, essa nossa tentativa de moldar nosso discurso às idiossincrasias de nossa audiência.

Destacamos duas condições pragmáticas entre as tratadas por Payne que representam um papel significativo nas gramáticas da maioria das línguas e se referem à definitude do SN, quais sejam: identificabilidade e referencialidade.

Consoante Payne (*op. cit.*), certos sintagmas nominais referem-se a entidades que o falante supõe que deveriam ser identificáveis pelo destinatário. A partícula *the* é um dos meios de expressar a identificabilidade no inglês. O autor então nos apresenta o seguinte exemplo:

- (9) **The** Duke of Wimple trod on the princess' toe.

O duque de Wimple pisou no dedo do pé da princesa.

O uso de *the* no exemplo transmite ao interlocutor que existem um único duque de Wimple e uma princesa a quem o falante está se referindo. Se fosse uma situação real de comunicação, o falante presumiria que o destinatário sabe quem são o duque e a princesa em questão. Em outras palavras, o falante trata os participantes da oração como *identificáveis*, já que ele assume que seu interlocutor tem essa informação disponível. Se em lugar da partícula *the*, o falante usasse a partícula *a*, o efeito seria que não existe um referente único para cada um desses termos, ou seja, pode haver muitos duques de Wimple e muitas princesas que o destinatário poderia identificar, não importando quais (duque e princesa) específicos estavam envolvidos na ação. Na gramática inglesa tradicional, o termo **definido** tem sido usado para descrever o *status* a que o autor se refere como identificável.

Quanto à referencialidade, o autor afirma que é similar, mas não idêntica à identificabilidade. Payne contrasta duas abordagens à noção de referencialidade. A primeira, ele denomina de **referencialidade objetiva**; a segunda é a **referencialidade discursiva**.

Uma entidade é objetivamente referencial, conforme Payne, se existe como uma entidade individuada, claramente delimitada no mundo da mensagem. Nesse sentido, a referencialidade é às vezes tratada como **especificidade**. Nos exemplos a seguir, extraídos de Payne, os SN em itálico referem-se a participantes objetivamente referenciais.

- (10) *Those men* are ridiculous.

Aqueles homens são ridículos.

- (11) Someday I'd like to buy *your cabin* by the seashore.

Algum dia eu gostaria de comprar sua cabana no litoral.

Estão de fora dessa definição os SN genéricos (vide exemplos mais acima) e os não-específicos (12). Um referente genérico pode ser identificável no sentido de que o falante supõe que o destinatário possa identificar o gênero do ser, embora não exista nenhum indivíduo específico sendo referido.

(12) Someday I'd like to buy *a cabin* by the seashore.

Algum dia eu gostaria de comprar uma cabana no litoral.

Segundo Payne, as entidades não-identificáveis não precisam ser necessariamente não-referenciais (ou não-específicas), como no exemplo a seguir:

(13) Arlyne would like to marry a Norwegian.

Arlyne gostaria de se casar com um norueguês.

Nesse exemplo há uma ambigüidade. Essa oração pode significar que Arlyne tenha o estranho desejo de se casar com qualquer homem que porventura seja norueguês; ou pode significar que ela tem um norueguês específico em mente, porém o falante acredita que o ouvinte não possa identificá-lo e, então, o apresenta em um SN indefinido. Na primeira leitura, ele é não-referencial (ou não-específico), ao passo que, na segunda, é objetivamente referencial ou específico.

O caso ilustrado em (13) é similar ao caso ilustrado em (8). Assim, se o sintagma nominal *um norueguês* contivesse um marcador de especificidade como *AÍ*, apenas a leitura específica (objetivamente referencial) seria possível.

A referencialidade discursiva tem a ver, segundo Payne, com a importância contínua em uma porção de texto. Em geral, este é um conceito mais restritivo do que a referencialidade objetiva, já que é comum entidades objetivamente referenciais não

serem referenciais discursivamente (por não terem sido mencionadas previamente); por outro lado, é difícil conceber entidades discursivamente referenciais que não sejam também objetivamente referenciais. Payne afirma que qualquer elemento em uma história pode ser objetivamente referencial e apresenta o seguinte exemplo:

(14) She came in through *the bathroom window*.

Ela entrou pela janela do banheiro.

Na oração acima, *a janela do banheiro* é tratada como existindo objetivamente na cena estabelecida no discurso. Porém, só seria considerada discursivamente referencial se já tivesse sido anteriormente mencionada no discurso; nesse caso, essa entidade passaria a ter, nos termos de Du Bois (1980), presença continuadora no estágio discursivo.

1.2 A proposta de Enç (1991)

Enç (1991) parte da teoria da definitude dos SN proposta por Heim (1982) para apresentar sua proposta acerca da especificidade. De acordo com tal teoria, os SN indefinidos devem ser *novos*, no sentido de que devem introduzir referentes discursivos que não estavam previamente no discurso. Já os SN definidos devem ser *familiares*, no sentido de que os referentes discursivos mapeados por eles devem ter sido introduzidos previamente no discurso. Em outras palavras “indefinidos não podem ter antecedentes no discurso, enquanto os definidos devem” (ENÇ, 1991, p. 07).

A autora afirma também que as propriedades da definitude e da especificidade são fenômenos relacionados, uma vez que tanto definidos quanto específicos requerem referentes discursivos previamente estabelecidos (com uma exceção no caso dos específicos, a qual diz respeito aos marcadores de especificidades – cf. a seguir); por sua vez, tanto indefinidos quanto não-específicos exigem referentes discursivos não

previamente estabelecidos. Definitude e especificidade diferenciam-se pelo tipo de relação que apresentam: *relação de identidade*, para a primeira; *relação de inclusão*, para a segunda. Observe-se o exemplo:

(15) *Five children* arrived late. *They* had missed their bus.

Cinco crianças chegaram tarde. Elas tinham perdido o ônibus.

Segundo a autora, o pronome *they* é definido porque mantém uma *relação de identidade* com seu antecedente *five children*. O pronome *they* também é específico por retomar o grupo *five children*, mantendo uma *relação de inclusão* com esse grupo. Enç propõe, então, que não há SN definidos que também não sejam específicos. Quanto aos SN indefinidos, Enç declara que podem ser específicos ou não-específicos, sendo específicos se receberem interpretação partitiva, isto é, se estiverem relacionados a referentes previamente estabelecidos no discurso. Enç baseia sua descrição em dados do turco, língua em que a ambigüidade entre SN indefinidos específicos e não-específicos no papel de objeto resolve-se através da marcação de caso.

(16) Odam-a birkaç çocuk girdi

my-room-Dat several child entered

'Several children entered my room.'

Diversas crianças entraram no meu quarto.

Essa oração pode ser seguida por (17) ou (18). Essas duas orações diferem em que o objeto indefinido apresenta marcação de caso acusativo em (17) e em (18) não.

(17) Iki kiz-i taniyordum

two girl-Acc I-knew

'I knew two girls.'

Eu conhecia duas garotas.

(18) Iki kız taniyordum

two girl I-knew

'I knew two girls.'

Eu conhecia duas garotas.

A diferença na marcação de caso relaciona-se à diferença na interpretação dessas orações. (17) é sobre duas garotas que estavam incluídas no conjunto de crianças mencionadas em (16) que entraram no quarto, recebendo, portanto, interpretação partitiva e constituindo um SN indefinido específico. (18), por sua vez, refere-se a duas garotas que não estavam incluídas no conjunto de crianças previamente mencionado, sendo, assim, um SN indefinido não-específico.

Enç (*op. cit.*, p. 02) destaca que adjetivos como *certain*, *specific* e *particular* constituem uma exceção à sua proposta, por sempre levarem a uma interpretação do referente do SN como sendo específico, mesmo sem exigir interpretação partitiva. Portanto, os itens lingüísticos sob enfoque são considerados, pela autora, como marcadores de especificidade. O exemplo (19), a seguir, pode ter leitura partitiva, se enunciado em um contexto em que os atletas a serem treinados fazem parte de um conjunto estabelecido previamente (isto é, mencionado previamente), enquanto que (20) não apresenta leitura partitiva, por ser a primeira menção ao político. Em ambos os casos, os SN indefinidos *a certain athlete* e *a certain politician* são interpretados como tendo referente específico.

(19) Every trainer will train a certain athlete.

Cada treinador treinará um certo atleta.

(20) Each reporter was assigned to a certain politician by the editor of the paper.

Cada repórter foi atribuído a um certo político pelo editor do jornal.

Mesmo em (20), apesar de não haver referentes previamente estabelecidos no discurso, a interpretação é de que o referente do sintagma nominal indefinido é específico, interpretação essa motivada pelo uso de *certain*, que indica que o falante conhece a identidade de cada político envolvido (ou conhece informações mais detalhadas sobre esses políticos do que as que revelou), mas que, por alguma razão, optou por não esclarecê-la, fazendo uso de um sintagma indefinido.

1.3 *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos

Nesta seção, seguindo as orientações de Enç (1991), tratamos de *AÍ* como item marcador de especificidade nos SN indefinidos. Em primeiro lugar, apontamos que a denominação de *marcador de especificidade de SN indefinidos*, adotada nesta pesquisa, parece ser mais adequada ao objeto em tela do que *modificador de substantivos* (MARTELOTTA, 1994) ou *modificador de nomes* (BRAGA, 2003), devido ao caráter clítico desse item lingüístico, conforme esboçado na relação entre especificadores e clíticos na primeira seção deste capítulo.

Como marcador de especificidade, *AÍ* integra o SN indefinido, acrescentando-lhe um traço de especificidade, semelhante ao que fazem os pronomes e adjetivos *certo*, *determinado* e *específico*, no português brasileiro. Note-se que esses itens marcadores de especificidade têm função semelhante à dos adjetivos *certain* e *specific* no inglês: marcam a especificidade do SN indefinido, sem que seja necessária uma relação de partitividade com referentes discursivos anteriores, como atestam os exemplos a seguir:

- (21) I: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma *CERTA* família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... a procura de:: alimento ... e eu fi/e eu me sentia muito triste quando:: eu fiquei sabendo dessa história porque veja bem ... eles ...

tiveram que deixar:: todos os seus parentes e foram em busca de um ... de um lugar pra se estabilizar ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

(22) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase *Aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

O exemplo (21) aponta para uma família específica para o falante – o que é garantido pela presença de *CERTO* no SN – sem, contudo, apresentar interpretação partitiva, já que é a primeira menção à família. O mesmo ocorre em (22): pode-se observar que, apesar de o informante não relatar qual foi a frase deixada, a presença do *Aí* nesse SN indefinido aponta para uma frase que é específica para o falante, em oposição a uma frase totalmente desconhecida, apesar de o mesmo não estar se lembrando dela no momento de produção do enunciado. Em ambos os casos, o ouvinte, embora não conheça a identidade da família (em 21) e da frase (em 22), passa a saber, ao ouvir o *Aí*, de que se trata de uma família e de uma frase específicas do ponto de vista do falante.

Uma outra característica desse item é a de que o traço de especificidade acrescentado por ele a um SN indefinido anula qualquer possibilidade de se atribuir uma interpretação genérica a tal SN, evitando, além disso, possíveis ambigüidades. Retomemos o exemplo (13), agora apresentado como (23):

(23) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês.

Como já foi visto, essa oração é ambígua: pode ter leitura genérica, isto é, Arlyne pretende casar-se com qualquer homem que seja norueguês; pode também ter leitura específica, isto é, Arlyne pretende casar-se com um norueguês cuja identidade é

conhecida por ela, e, provavelmente, pelo enunciador da oração. No entanto, essa segunda leitura parece ser a menos provável de ocorrer. Se, contudo, acrescentarmos *Aí* ao SN, o problema da ambigüidade é resolvido:

(24) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês *Aí*.

(24) permite, ao ouvinte, apenas a leitura específica: embora o falante não tenha definido a identidade do norueguês em questão, indicou ao ouvinte, através do uso de *Aí*, que se trata de alguém específico, cuja identidade é conhecida do falante, embora ele tenha optado por não a revelar.

Aí, além de codificar a especificidade de um SN indefinido, também envolve uma série de implicaturas conversacionais sobre o conhecimento que o falante tem a respeito do referente do SN e das razões pelas quais não revela mais informações sobre ele, o que será visto na próxima seção.

1.4 Implicaturas conversacionais

O conceito de implicaturas conversacionais foi proposto por Grice (1982) e constitui uma parte importante do trabalho desse filósofo. Segundo Grice (op. cit.), existe um PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO geral regendo nossas interações comunicativas diárias, o qual é geralmente observado, ainda que inconscientemente, pelos usuários da língua. Tal princípio consiste em: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. Desse princípio resultam quatro categorias, representadas por máximas e/ou submáximas mais específicas listadas a seguir.

A categoria da QUANTIDADE relaciona-se com a quantidade de informação a ser concedida numa interação verbal e é representada pelas seguintes máximas:

- Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação).
- Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

À categoria da QUALIDADE corresponde a supermáxima: “trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e duas submáximas mais específicas:

- Não diga o que você acredita ser falso.
- Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.

Sob a categoria RELAÇÃO, Grice apresenta apenas uma máxima: “Seja relevante”.

Por último, sob a categoria MODO, correspondente ao modo como o que é dito deve ser dito, Grice propõe uma supermáxima – “Seja claro” e outras quatro submáximas:

- Evite obscuridade de expressão.
- Evite ambigüidades.
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
- Seja ordenado.

Quanto às implicaturas, Grice distinguiu dois tipos: as *convencionais* e as *conversacionais*. As implicaturas convencionais são aquelas cuja significação é engendrada internamente ao sistema lingüístico, a partir do significado das próprias palavras. Assim, na frase: “*Embora fosse rico, vivia na mais extrema penúria*” a conjunção *embora* estabelece uma relação de sentido entre uma oração e outra (no exemplo, relação de concessão).

Já as implicaturas conversacionais podem ser definidas, de maneira geral, como inferências cuja significação advém do contexto extralingüístico, isto é, a implicatura conversacional não faz parte do significado intrínseco de uma palavra, expressão ou oração e, portanto, pode até mesmo ser cancelada, negada. Observe o exemplo a seguir:

(25) A: Maria, você vai ao cinema hoje?

B: João quer ir ao museu.

Em (25), **B** aparentemente abandonou o princípio de cooperação, ao violar algumas das máximas de Grice. Num primeiro momento, pode-se dizer que **B** não seguiu a máxima da QUANTIDADE, pois foi pouco informativo; a da RELAÇÃO, ao ser pouco relevante; e a do MODO, não sendo muito claro em sua resposta, afinal mencionou uma terceira pessoa (*João*) sobre a qual nada foi perguntado. Entretanto, se considerarmos o conceito de implicatura conversacional, tal exemplo não pode ser visto como uma transgressão ao princípio de cooperação, uma vez que, ao responder a pergunta de **A**, **B** sabe que **A** a conhece bastante bem, incluindo os fatos de que João é namorado de **B** e de que **B** gosta de acompanhar o namorado nos lugares aos quais ele vai. Assim, **A** pode facilmente concluir, a partir do que disse **B**, que é pouco provável que **B** vá ao cinema. Destarte, ao fornecer pouca informação, **B** seguiu a segunda submáxima da QUANTIDADE e também a terceira submáxima de MODO, evitando a prolixidade desnecessária. Ademais, não abandonou a máxima da RELAÇÃO, pois sua resposta foi relevante ao que lhe foi perguntado, desde que considerado o contexto extralingüístico.

Em resumo, as máximas conversacionais propostas por Grice determinam o que os interlocutores precisam fazer para conversar de um modo maximamente eficiente, racional e cooperativo: devem falar sincera, relevante e claramente, fornecendo informação suficiente. No caso de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos, o ouvinte pode ter a impressão inicial de que o falante está fornecendo informação insuficiente, quebrando assim a máxima da quantidade. Realmente, o falante apenas menciona *um x aí*, um *x* específico, mas cuja identidade não é esclarecida de modo explícito, o que pode parecer um caso de abandono do princípio da cooperação.

No entanto, quando *AÍ* marcador de especificidade é usado, o ouvinte, assumindo que as máximas da conversação estão sendo seguidas, pode inferir que, se o falante sabe mais do que disse, é porque, embora conheça a identidade daquilo a que

está se referindo através do SN indefinido, não deseja, por alguma razão, fornecer mais detalhes acerca dessa identidade e, por isso, aparentemente viola a máxima da quantidade.

Nessa perspectiva, Tavares (2001) descreve as principais implicaturas conversacionais que o ouvinte pode perceber nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade.⁴ Uma delas é a de que *o falante conhece a identidade do referente do SN indefinido*, mas, por considerá-la não relevante para os fins da conversação corrente, opta por não revelar mais detalhes sobre ela. Ou seja, o ouvinte conclui que o falante deixou de apresentar informações mais detalhadas por acreditar que elas não são necessárias para a interpretação, embora tenha pretendido, pelo uso do *AÍ* marcador de especificidade, indicar que possui conhecimento dessas informações.

O fato de o falante dar poucos detalhes acerca da identidade do referente do SN pode ainda favorecer a implicatura de que *o referente do SN é de pouca importância, algo que não merece a preocupação do ouvinte*.

(26) A: Sobre o que tu e a Inara conversaram?

B: Nada, a Inara só me disse umas coisas *AÍ*.

A: Sei. Ela levou mais de seis horas pra dizer “umas coisas *AÍ*”?

O falante B em (26), ao utilizar o SN indefinido acrescido de *AÍ*, tenta convencer o falante A de que nada importante foi dito por Inara. Todavia, A não aceita que o SN *umas coisas AÍ*, usado para se referir a mais de seis horas de conversa, indique algo insignificante. O exemplo a seguir também favorece a leitura de pouca importância para o referente do SN com *AÍ*.

(27) Vou sair. Vou aproveitar para resolver um assunto *AÍ*. Mais tarde eu volto.
(novela *Andando nas nuvens*, 12/08/99).

⁴ Os exemplos desta seção foram extraídos de Tavares (2001).

Em (27), a personagem sinaliza ao ouvinte que o assunto que pretende resolver é de pouca importância e que não vem ao caso expô-lo em detalhes. Porém, fatos acontecidos antes permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada a seu interlocutor. Desse modo, como o falante não pretendia revelar detalhes acerca do que se referia, tenta implicar que se trata de algo pouco importante e que não merece maior atenção ou preocupação por parte do ouvinte.

A terceira implicatura possível nos contextos de uso de *Aí* marcador de especificidade é a de que *há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa*, o que pode ser conferido no exemplo abaixo:

(28) Pois é, Pedro. Eu pedi para uma pessoa *Aí* me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada.

(28) pode ser empregado em um contexto em que o falante está contando a Pedro a questão de um trabalho que ainda não tinha sido entregue até o momento dessa enunciação e quis dizer indiretamente para uma terceira pessoa, que também estivesse presente no local e pudesse ouvi-lo, que esta já deveria ter trazido o trabalho. Pedro pode conhecer ou não a pessoa a quem o falante se refere, porém este espera ter conseguido ser entendido pela pessoa “alvo”. Em todo caso, como as implicaturas não integram o conteúdo semântico das expressões linguísticas, Pedro ou algum outro ouvinte desavisado pode entender que se trata de alguém cuja identidade parece não vir ao caso naquele momento, e não que o “culpado” esteja por perto.

A última implicatura possível é a de que *há algo negativo a respeito do referente do SN*. É o que ocorre em (29):

(29) A minha irmã contratou um arquiteto *Aí* para projetar a casa e só teve dor de cabeça.

(29) pode ter acrescida à idéia de que se trata de um arquiteto específico a de que se trata de um mau arquiteto, um “qualquer”, isto é, a irmã do falante contratou um arquiteto de péssima qualidade, um incompetente, em vez de contratar um bom arquiteto para projetar sua casa. Essa implicatura de valoração negativa também é passível de cancelamento, já que o ouvinte pode fazer apenas a leitura de que se trata de um arquiteto específico e não de um mau arquiteto.

2 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, fazemos um breve retrospecto dos mais relevantes estudos anteriores acerca de *AÍ* como marcador de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, apresentando suas contribuições para o estudo desse item lingüístico.

O primeiro estudo relevante a abordar esse item de que temos notícia é o de Martelotta (1994). Nesse estudo, o autor investiga, utilizando dados de diversos *corpora* orais, o processo de gramaticalização dos operadores argumentativos *AÍ*, *LOGO*, *DEPOIS*, *ENTÃO*, *AINDA* e *JÁ* à luz dos postulados do funcionalismo lingüístico norte-americano, descrevendo seus principais usos e funções no português brasileiro atual.

Com relação ao operador argumentativo *AÍ*, Martelotta (1994) propõe que esse item deu origem a duas trajetórias de gramaticalização diferentes, ambas partindo do mesmo ponto inicial – o uso dêitico espacial de *AÍ*. Na primeira delas, *AÍ* dêitico espacial dá origem a *AÍ* anafórico e a *AÍ* seqüencial, desembocando nos usos *AÍ* introduzindo informação nova e *AÍ* conclusivo. Na segunda trajetória, esse elemento passa a fazer parte do sintagma nominal, conforme será visto a seguir.

AÍ dêitico espacial tem o sentido de “nesse lugar” e aponta para algo próximo ao ouvinte (exemplo (30)). O primeiro fenômeno ocorrido nessa trajetória de gramaticalização de *AÍ*, de acordo com Martelotta (*op. cit.*) é a perda da indicação de proximidade em relação ao ouvinte, passando o *AÍ* a indicar espaço de maneira mais genérica, mais abstrata. O exemplo (31) ilustra bem esse fenômeno, já que, tanto na fala do entrevistador quanto na do informante, *AÍ* se refere não apenas a um local próximo ao ouvinte, mas ao bairro onde o informante reside e onde informante e entrevistador estão, assumindo o sentido de “pelas redondezas”.

- (30) E: Eu nunca fiz pudim de leite. E como se faz? Nunca fiz. Estou falando sério, Glorinha.

I: Bom, então eu vou dar, heim! Vê lá heim! Uma lata de leite condensado... mas não vai escrever pelo menos, ora? Lógico, pega *AÍ* o lápis, Tereza.

E: Manda fundo, vai fundo, vai lá.

I: Uma lata de leite condensado, cinco ovos... (MARTELOTTA, 1994, p. 113).

(31) I: ... então, sei lá, estou acostumado, sabe? Como o ambiente, conhecimento, tudo aqui.

E: O senhor conhece todo mundo *AÍ*?

I: Eu nasci aqui, não é? Vi essas casas todas nascerem, essas ruas nascerem, pracinha, igreja. E a maioria que tem *AÍ* eu conheço tudo mocinha, está casado. Então, elas passam *AÍ* na praça: sabe quem é essa? É filha de fulano, é neta do beltrano, e tal. Porque o Grajaú é um bairro que o pessoal nem liga muito, sabe? O pessoal vem pra cá... agora, tem muita gente nova, muito edifício de apartamento, e tal... (MARTELOTTA, 1994, p. 115).

Em seguida, *AÍ* deixa de assumir o seu valor dêitico prototípico, atingindo um ponto mais alto de abstração com relação à noção de espaço a que se refere. Nesse ponto, conforme Martelotta (*op. cit.*), a medida espacial expressa por *AÍ* é a própria realidade dos fatos que se apresentam ante os interlocutores (exemplo (32)). A partir desse ponto, *AÍ* passa a atuar como elemento modificador de substantivos, segundo a classificação adotada pelo autor, integrando o sintagma nominal e deixando de apresentar (na codificação dessa função) sua mobilidade de advérbio espacial.

(32) I: ... tem até uma piada americana aí, que diz que o garoto falou: "Poxa o meu pai é bacana, não sei o que, papai me deu uma bicicleta". "Quem é teu pai?". "O fulano de tal". "Ah, foi meu pai no ano passado e tal" (MARTELOTTA, 1994, p. 116).

Tavares (1999), seguindo uma perspectiva similar à de Martelotta, mapeou as diversas funções de *AÍ* na fala de Florianópolis, utilizando como manancial trinta e seis entrevistas do Banco de Dados VARSUL/UFSC, onde encontrou dados de *AÍ* marcador de especificidade (denominado pela autora de *modificador de SN indefinidos*), além de evidências de uma trajetória de gramaticalização similares às apontadas por Martelotta (1994).

Já Tavares (2001) propõe a denominação de *especificador de SN indefinidos* para o *AÍ* sob enfoque. A autora realizou um estudo comparativo com sintagmas nominais indefinidos contendo os itens de especificidade *AÍ* e *CERTO*, com o intuito de averiguar a natureza das semelhanças e diferenças entre esses itens, considerando especialmente os planos sintático, semântico e pragmático. Nessa descrição, a autora baseou-se principalmente em descrições do *CERTAIN* inglês feitas por Hintikka (1986) e Enç (1991), e no conceito de implicatura conversacional de Grice (1982) e Levinson (1983). Suas principais conclusões foram:

- ✚ Sintagmas nominais contendo *AÍ* e *CERTO* podem estar ou não em relação de partitividade com referentes discursivos anteriores, isto é, podem estar relacionados a referentes já apresentados no discurso. Em ambos os casos, *AÍ* e *CERTO* indicam especificidade.
- ✚ Ambos integram o SN e são posicionados junto ao nome indefinido (*CERTO* anteposto e *AÍ* posposto ao nome) e qualquer alteração nessa ordem pode resultar em orações agramaticais ou em mudança da função de *AÍ* e *CERTO*, que deixam de ser marcadores de especificidade.
- ✚ No âmbito semântico, *AÍ* e *CERTO* fornecem ao SN indefinido por eles modificado um traço de especificidade, do que resulta um SN indefinido específico no qual a leitura genérica torna-se barrada.
- ✚ *AÍ* e *CERTO* envolvem uma série de implicaturas conversacionais acerca da identidade do referente do SN indefinido e dos motivos pelos quais o falante não revela maiores detalhes sobre ele. *AÍ* também pode favorecer uma leitura de insignificância, de depreciação ou de valoração negativa, ao passo que *CERTO*

não autoriza tais leituras, comumente apontando para algo importante para o falante por algum motivo.

- ✚ Os itens marcadores de especificidade *AÍ* e *CERTO* geralmente têm o acento mais fraco dentre os itens do SN.

Tavares (2006) faz um levantamento, em linhas gerais, de possíveis propostas de estudos sobre *AÍ* marcador de especificidade que podem ser realizados tomando-se como manancial de dados as entrevistas pertencentes ao *Corpus Discurso & Gramática (D&G)*. Dentre elas, a autora sugere um estudo minucioso das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas de *AÍ* marcador de especificidade que podem contribuir para uma definição mais precisa sobre o que é e o que não é prototípico nesse uso da forma em questão. Um outro estudo possível é a descrição e análise comparativa das formas que constituem as camadas do domínio funcional da especificação nominal: *AÍ*, *CERTO*, *DETERMINADO*, *ESPECÍFICO*, *DADO*, etc, testando seu comportamento no tocante a princípios funcionalistas como iconicidade e marcação.

Braga (2003) denomina as ocorrências de *AÍ* justaposto a um N como *afixais* devido à posição do *AÍ* posposto ao N. A autora considera também que a interpretação atribuída à construção **N+AÍ**, quer depreciativa ou atenuadora, depende aparentemente menos da presença de *AÍ* e mais das propriedades semânticas da palavra à qual ele se liga ou das características do contexto maior em que ele se insere.

A autora constatou também, averiguando dados de informantes cariocas em duas amostras de fala de épocas diferentes (1980 e 2000), que ocorreu um aumento significativo do número de ocorrências de *AÍ* justaposto a nomes e verbos, de quinze, na Amostra 80, para vinte e cinco, na Amostra 00. No entanto, a autora não distinguiu quantitativamente as ocorrências de *AÍ* modificador de verbos das ocorrências de *AÍ* modificador de nomes.

Braga e Paiva (2003), por sua vez, classificam o *AÍ* em tela como um *clítico* que se pospõe a um N constituindo com ele um todo fonológico e que repele a

interveniência de material lingüístico, geralmente codifica informação recuperável e é precedido por um determinante indefinido.

As autoras corroboram as propostas de Martelotta (1994) e Tavares (1999) da dupla trajetória de gramaticalização percorrida por *Aí* e de que o uso clítico de *Aí* provém diretamente de seu uso dêitico, que sofreu alteração tanto nas fronteiras de constituinte quanto no seu valor semântico, sendo também considerado o último estágio nesse processo de gramaticalização; e defendem ainda o construto da *poligramaticalização*, segundo o qual uma única forma lingüística pode dar origem a duas trajetórias de gramaticalização diferentes.

Concluindo este capítulo, apontamos que existe, no espanhol atual, um caso semelhante ao de *Aí* marcador de especificidade. Muro (2001), seguindo também uma perspectiva funcionalista, descreve o uso do item *ahí* em função modificadora de SN, numa amostra de dados do espanhol falado na Venezuela. Para a autora, esse uso modificador provém (da mesma forma que em português) de uma função dêitica e se refere ao conhecimento compartilhado pelos participantes a respeito do referente da informação (o que ambos sabem); este pode ser positivo, quando o falante e o ouvinte partilham a informação, ou negativo, quando não o fazem. Ademais, esse item pode ter um sentido encobridor. Se a resposta de uma adolescente à pergunta da mãe sobre com quem vai sair é *con un tipo ahí* ou a de um marido à sua mulher, que lhe pergunta aonde vai, é *una fiesta ahí*, há uma intenção de solapamento, isto é, o falante possui uma informação sobre a qual não quer dar detalhes ao seu interlocutor e, por isso, em nossa interpretação, indica, através de *ahí*, que o referente do SN indefinido é específico, isto é, é algo de seu conhecimento, e dispara a implicatura de que não pretende revelar nada mais acerca dele para o ouvinte.

(33) Inv: El cambio de... le quitaron el piso a la plaza no?

Hab: Ah sí, sí, le cambiaran... tenia un piso de qué era el piso?

Inv: De granito no era?

Hab: Aja, como de granito, era muy bonito el piso, y ahora le pusieron [un pisito ahí] que... MDC1FA (MURO, 2001)

No exemplo acima há um efeito depreciativo porque se contrapõe o piso que havia anteriormente na praça e o *pisito* que puseram depois. Entretanto, esse sentido negativo é atribuído pelo substantivo no diminutivo e não pelo *ahí*, que, para a autora, somente busca o consenso do ouvinte e apela à informação que ambos partilham.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

No século XX, duas grandes abordagens lingüísticas destacaram-se, estando subjacentes aos diferentes paradigmas de investigação científica da atualidade: o **pólo formalista** e o **pólo funcionalista**. No pólo formalista, a análise prioriza o estudo da forma lingüística, relegando sua função a um plano secundário. Já no pólo funcionalista, a função desempenhada pela forma lingüística em uma situação de comunicação tem papel de destaque (MARTELOTTA; AREAS, 2003).

Entretanto, o funcionalismo não representa um campo unificado de pesquisas, existindo, por sua vez, vários funcionalismos, como a Lingüística Sistemico-Funcional, proposta por Michael Halliday, a *Role and Reference Grammar*, desenvolvida por William Foley e Robert Van Valin, e a Lingüística Funcional Norte-americana, representada por autores como Givón, Hopper, Thompson, Traugott, Heine, Kuteva, Bybee, entre outros.

A ótica adotada nesta pesquisa é a do Funcionalismo norte-americano, no qual se concebe a língua como um instrumento de interação social, usada, principalmente, para satisfazer necessidades comunicativas. Nessa vertente, prioriza-se o estudo das funções que as formas lingüísticas desempenham nas diversas situações de interação lingüística e considera-se a sintaxe e a morfologia como estando em constante mutação, sendo motivadas, moldadas e/ ou restringidas pelo uso. Assim, a sintaxe deve sua forma atual às estratégias de organização da informação feitas pelos falantes nas diversas situações de comunicação.

Destarte, o funcionalismo norte-americano toma como objeto de estudo o discurso, isto é, a língua em situações reais de uso, procurando “explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA et al., 2003, p. 29). Nessa perspectiva, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes, já que para o funcionalismo as orações de um texto têm dupla função – semântica e pragmática. Assim, o que se comunica em cada

situação, além do conteúdo semântico da língua, é a natureza e o propósito do ato de fala como fenômeno cultural e cognitivo.

A lingüística funcional concebe a gramática como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório lingüístico dos falantes e, desse modo, acabam por adentrar na gramática de uma língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato. (cf. HOPPER, 1987, 1998).

Esse processo de mudança permanente da gramática das línguas é o foco dos estudos de gramaticalização. O termo *gramaticalização* foi criado pelo lingüista francês Antoine Meillet, um antigo aluno de Saussure e estudioso das línguas indo-européias, para se referir a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19).

Neste capítulo, três vertentes do funcionalismo norte-americano são combinadas, por serem propostas que se complementam para um estudo mais refinado acerca da gramaticalização: a proposta de Hopper (1987, 1991, 1998), a de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991 a/b) e a de Givón (1995, 1998, 2001).

3.1 A proposta de Hopper

Hopper (1987, 1998) trabalha com a noção de *gramática emergente*, postulando que a gramática emerge do discurso e é moldada por ele num processo contínuo. Assim, a gramática é marcada por seu caráter provisório em busca de uma estabilidade que não ocorrerá efetivamente, posto que é notório que as línguas evoluem com o tempo. No entanto, esse processo é extremamente lento, geralmente não sendo percebido pelos usuários da língua.

Para Hopper: “uma estrutura que é emergente (...) nunca é fixa, nunca determinada, mas está constantemente aberta e em fluxo. O termo emergente se refere

à incompletude essencial de uma língua, e vê a instabilidade entre forma e sentido como uma situação constante e natural” (1998, p. 157).

Hopper (1991) propõe cinco princípios que podem caracterizar tanto os estágios iniciais da gramaticalização quanto os finais. Tais princípios são relevantes para diagnosticar a emergência de formas e construções gramaticais a partir de material já disponível, como também de diferentes graus de gramaticalização nos casos em que ela já é um processo reconhecido como tal. Os princípios são:

3.1.1 Estratificação: “Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as camadas mais recentes” (*op. cit.*, p. 22)

Esse princípio refere-se a um fenômeno muito comum nas línguas em geral que é o da codificação de uma determinada função lingüística por formas diferentes. Essa diversidade formal surge, segundo Hopper (*op. cit.* p. 23), na medida em que uma forma ou um conjunto delas, ao emergir em um dado domínio funcional⁵, não substitui imediatamente – ou mesmo nunca vem a substituir completamente – o conjunto já existente de formas equivalentes funcionalmente; mas, ao contrário, esses dois conjuntos de formas passam a coexistir, podendo ser especializados para itens lexicais particulares, classes peculiares de construções ou registros sociolingüísticos; podem ainda ter significados levemente distintos ou apenas serem reconhecidos como alternativas estilísticas.

3.1.2 Divergência: “Quando uma forma lexical sofre gramaticalização para um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais ordinários” (*op. cit.*, p. 22).

O princípio da divergência origina pares ou múltiplas formas possuindo a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente, isto é, “o uso fonte e o uso alvo de uma forma em um aclave de gramaticalização podem seguir cada um o seu próprio

⁵ Utilizamos a expressão domínio funcional no sentido proposto por Givón (1984), isto é, para denominar as áreas funcionais que compõem a gramática, que podem corresponder a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (micro-domínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal, etc.

caminho e continuar coexistindo como reflexos divergentes de uma forma singular por muito tempo” (TAVARES, 2003, p. 72).

3.1.3 Especialização: “Dentro de um domínio funcional, em um estágio uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível; quando a gramaticalização acontece, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais” (1991, p. 22).

A especialização diz respeito à redução na escolha de formas para a codificação de determinada função gramatical e geralmente ocorre em estágios mais avançados da gramaticalização. Nesse processo, uma forma X de um dado domínio funcional predomina sobre as outras no desempenho de uma função e acaba por eliminá-las, adquirindo um sentido mais generalizado, passível de ser empregado em vários contextos de uso.

3.1.4 Persistência: “Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isso é gramaticalmente viável, alguns traços dos seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos nas restrições a sua distribuição gramatical” (*op. cit.*, p. 22).

Esse princípio prega que, no processo evolutório da gramática, as formas gramaticalizadas conservam resquícios de seus significados anteriores, podendo ser polissêmicas em alguns contextos de uso, chegando, muitas vezes, a interferir na maneira como os usuários utilizam a língua. Em outras palavras, espera-se que uma forma gramaticalizada tenda a ser polissêmica e isso pode restringir sua distribuição em certos contextos de uso.

3.1.5 De-categorização: “Formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos das categorias⁶ plenas substantivo e verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias tais como adjetivo, particípio, preposição, etc” (*op. cit.*, p. 22).

⁶ Hopper (1991) utiliza o termo *categoria* como sinônimo de classe de palavras, diferente de Heine et al. (1991a/b), que o empregam para descrever os domínios básicos para a estruturação da experiência humana (cf. a seção a seguir). Nessa pesquisa, portanto, usamos o termo *categoria* nessas duas acepções.

A perspectiva da gramaticalização para a explicação do surgimento da gramática traz como consequência teórica a relativização da noção de *categoria*. De acordo com essa visão, não há distinções muito claras entre as categorias, tanto que se pode falar em de-categorização e é preferível substituir a idéia de *categoria* pela de graus de *categorialidade*.

3.2 Mecanismos de gramaticalização

Nesta seção, serão apresentados os principais mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização: transferência metafórica, reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia), reanálise e analogia.

3.2.1 Transferência metafórica

Heine et al. (1991a/b) postulam que existe um processo de *problem-solving* (resolução de problemas) subjacente à gramaticalização, que é metaforicamente estruturado, isto é, se dá pela expressão de uma coisa nos termos de outra, podendo ser descrita nos termos de algumas categorias básicas, organizadas da seguinte maneira:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

De acordo com esses autores, essas categorias representam domínios de conceitualização importante para a estruturação da experiência, e a relação entre elas é metafórica: qualquer uma delas pode servir para conceitualizar qualquer outra categoria à sua direita, consistindo no que Heine et al. (1991b., p. 157) propuseram chamar de *metáforas categoriais*, como ESPAÇO É UM OBJETO ou TEMPO É ESPAÇO.

Vale ressaltar ainda que as fronteiras entre as categorias não são claramente definidas, existindo um *continuum* entre elas. Assim, no processo de gramaticalização pode haver estágios de ambigüidade em que uma palavra ou construção pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Além disso, Heine et al. (*op. cit.*) defendem o princípio da unidirecionalidade, segundo o qual formas sofrendo gramaticalização tendem a adquirir significados cada vez mais abstratos, nunca ocorrendo o contrário.

Heine et al. (*op. cit.*, p. 159) afirmam ainda haver um tipo de correlação entre as categorias metafóricas e a divisão de classes de palavras e os tipos de constituintes frasais, conforme o quadro a seguir:

<i>Categoria</i>	<i>Tipo de palavra</i>	<i>Tipo de constituinte</i>
PESSOA	nome humano	Sintagma Nominal
OBJETO	nome não-humano	Sintagma Nominal
PROCESSO	verbo	Sintagma Verbal
ESPAÇO	advérbio, preposição	Sintagma Adverbial
TEMPO	advérbio, preposição	Sintagma Adverbial
QUALIDADE	adjetivo, advérbio	Modificador

(HEINE et al., 1991b, p. 160)

3.2.2 Reinterpretação induzida pelo contexto

O processo de gramaticalização envolve dois componentes básicos: um discreto, metafórico por natureza, e o outro contínuo, dependente do contexto lingüístico e extralingüístico, envolvendo um tipo de contigüidade conceptual que, por sua vez, é descrita em termos de uma relação metonímica.

Heine et al. (1991b, p. 165) chamam de *reinterpretação induzida pelo contexto* o processo de surgimento da metonímia através da manipulação pragmático-discursiva de conceitos pelo qual eles são sujeitados a fatores contextuais numa interpretação enunciativa. Os autores afirmam também que, num contexto adequado, conceitos espaciais podem licenciar implicaturas temporais e citam o caso das preposições *from* e *to* do inglês que, de um sentido puramente espacial (exemplo 34), podem receber uma interpretação temporal (exemplos 35 e 36). “Uma vez que essa interpretação torna-se

convencionalizada, o campo está preparado para ainda outra interpretação, de acordo com a qual um conceito que pode ser entendido tanto espacial quanto temporalmente é interpretado exclusivamente como uma entidade temporal” (*op. cit.*, p. 165) em contextos como o do exemplo (37).

(34) From Cologne to Vienna it is 600 miles

De Colônia até Viena são 600 milhas

(35) From Cologne to Vienna it is 10 hours by train

De Colônia até Viena são 10 horas de trem

(36) He was asleep all the way/ all the time from Cologne to Vienna

Ele estava adormecido todo o caminho/ todo o tempo de Colônia até Viena.

(37) To get to Vienna, you travel from morning to evening

Para chegar a Viena, você viaja de manhã até a noite.

Para Heine et al. (*op. cit.*), metáfora e metonímia formam componentes diferentes de um mesmo processo, a saber, a gramaticalização, já que, por um lado, esse processo é constituído de uma escala de entidades contíguas que estão numa relação metonímica; e por outro, existem poucas categorias salientes e descontínuas como ESPAÇO e QUALIDADE, cujo tipo de relação para com as outras categorias é metafórico, mas também pode ser descrito como o resultado de extensões metonímicas. Além disso, apesar de diferirem quanto à sua natureza, tanto a metáfora quanto a metonímia co-existem no processo de gramaticalização, tendo em comum a seguinte estrutura:

A → A,B → B

na qual (A,B) representa um estágio intermediário na transição de uma entidade conceptual A para uma B, no qual essas entidade co-existem lado a lado. Hopper e Traugott (2003), por sua vez, associam a metáfora e a metonímia a outros dois mecanismos de gramaticalização: reanálise e analogia.

3.2.3 Reanálise

Hopper e Traugott (2003) concebem a reanálise como um mecanismo geral de gramaticalização através do qual as propriedades gramaticais – sintáticas e morfológicas – e semânticas das formas são modificadas, constituindo mudanças em interpretação, mas não na forma, a princípio. Para esses autores, a reanálise é o mais importante mecanismo para a gramaticalização.

Uma definição clássica de reanálise é a de Langacker, para quem esta é vista como uma “mudança na estrutura de uma expressão que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação aparente”. (1977, p. 58 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 51). A reanálise não é, portanto, diretamente observável.

Na reanálise, o ouvinte pode entender que uma forma tem uma estrutura e um sentido que são diferentes daqueles do falante, isto é, os usuários da língua mudam a percepção de como os diferentes constituintes da língua (os sintagmas) são organizados. Os autores apresentam como exemplo a palavra *hamburger*, que deixa de ser entendida [Hamburg] + [er] ‘o que é originário de Hamburgo’ (nesse caso um tipo de sanduíche) e passa a ser ouvida como [ham] + [burger], em que *burger* passa, sozinho, a designar o sanduíche, podendo ser combinado com outras palavras como *cheese*, *beef* e *ham*.

Para Hopper e Traugott (*op. cit.*), a reanálise envolve reorganização sintagmática, linear, freqüentemente local, mudança na regra e forte dependência do contexto, que é o desencadeador das mudanças proporcionadas pela atuação desse

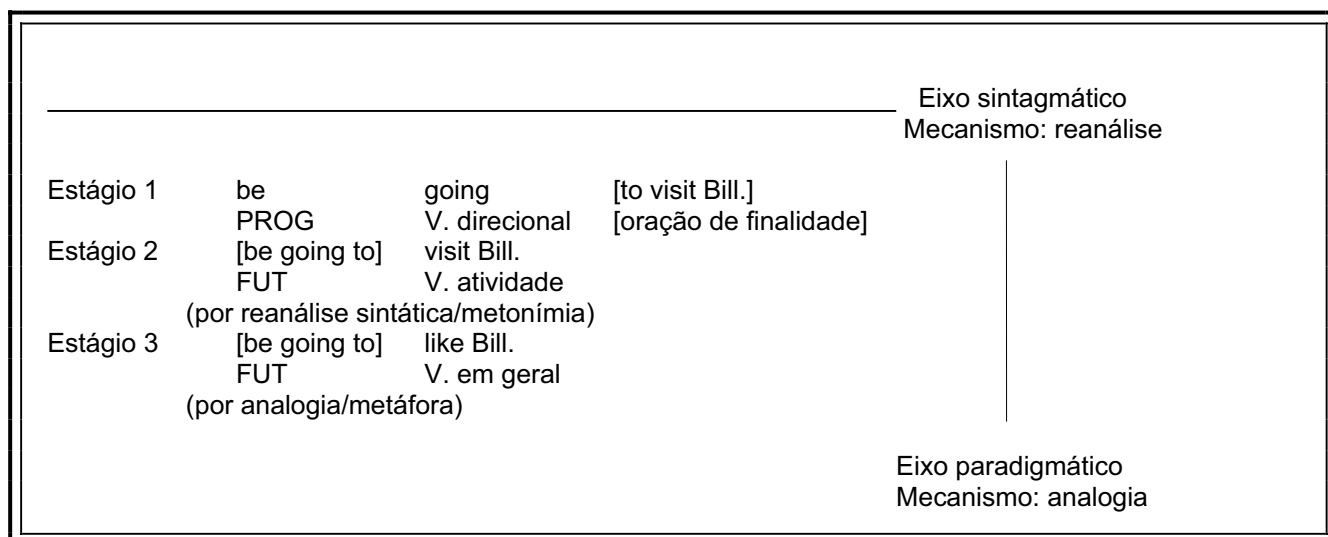
mecanismo. Por isso, os autores associam a reanálise ao processo cognitivo da metonímia.

3.2.4 Analogia

O mecanismo da analogia não promove mudança na regra, mas possibilita a expansão/divulgação das mudanças trazidas pela reanálise para o interior do sistema lingüístico. Enquanto a reanálise refere-se à substituição de estruturas antigas por novas e é secreta, a analogia, por contraste, é manifesta, e refere-se à atração de formas preexistentes na língua a construções também já existentes. Em essência, esses mecanismos envolvem inovação ao longo de diferentes eixos. A reanálise opera ao longo do eixo “sintagmático” da estrutura constituinte linear. A analogia, por sua vez, opera ao longo do eixo “paradigmático”, envolvendo mudança nos padrões de uso e está relacionada ao mecanismo cognitivo da metáfora.

Segundo Hopper e Traugott (*op. cit.*), apesar de somente a reanálise poder criar novas estruturas gramaticais, o papel da analogia não deveria ser subestimado no estudo da gramaticalização, já que seus produtos, por serem manifestos, são em muitos casos a principal evidência para os falantes de uma língua – e até para os lingüistas – de que uma mudança aconteceu.

O desenvolvimento de *be going to* (mostrado no quadro a seguir), de sintagma direcional a indicador de futuro no inglês, é um exemplo apresentado pelos autores para mostrar a interação entre reanálise e metonímia, de um lado, e analogia e metáfora, de outro:



(HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 93)

No primeiro estágio desse processo, tem-se o verbo progressivo junto com um verbo direcional e uma oração de finalidade. No segundo estágio, vemos o auxiliar de futuro com um verbo de atividade, o que é resultado da reanálise/metonímia. O terceiro estágio é o da extensão, através da analogia/metáfora, da classe de verbos direcionais a todos os verbos, inclusive os estativos.

3.3 A proposta de Givón

Givón (2001) defende que as principais funções da linguagem humana são a representação e a comunicação do conhecimento (experiência). A comunicação é efetuada através de dois subsistemas – o sistema de representação cognitivo e o sistema de codificação comunicativo; cada um desses sistemas é formado por níveis. O sistema de representação cognitivo engloba:

- **O léxico conceptual:** mapa cognitivo de nosso universo de experiências (físicas/externas, sócio-culturais, mentais/internas), que são estáveis no tempo, partilhadas socialmente e bem-codificadas (numa correlação mais ou menos estável (embora gradual) entre forma e significado). Conceitos lexicais são organizados como uma rede de nós interconectados. São representados

tipicamente por: *nomes* (entidade relativamente estável no tempo – objeto físico, planta, pessoa, instituição, ou conceitos abstratos); *verbos* (ação, evento, processo ou relação mais temporária); e *adjetivos* (qualidade estável ou estado temporário).

- **A informação proposicional:** conceitos (palavras) são combinados em informação proposicional (oração) sobre estados ou eventos dos quais as entidades participam.
- **O discurso multiproposicional:** combinação de orações num discurso coerente.

Com relação à interação entre os níveis que compõem esse subsistema, diz-nos Givón:

“Pode-se entender o significado de palavras independentemente da proposição à qual pertencem, mas não se pode entender uma proposição sem entender o significado das palavras que a compõem. (...) Pode-se entender o significado de orações independentemente do discurso ao qual pertencem, mas não se pode entender o discurso sem entender as proposições que o compõem” (*op. cit.*, p. 10 e 11).

Por sua vez, o sistema de codificação comunicativo compõe-se de:

- **Código sensório-motor periférico:** pertence aos domínios da fonética, da fonologia e da neurologia. Envolve tanto operações de codificação (produção discursiva) quanto de decodificação (percepção discursiva), ajustadas às modalidades motoras e perceptuais.
- **Código gramatical:** codifica, simultaneamente, a semântica proposicional e a coerência discursiva (pragmática), por meio dos subsistemas gramaticais principais orientados para o discurso os quais desempenham simultaneamente funções nos níveis oracional e discursivo. São eles:
 - a. Papéis gramaticais (sujeito, objeto direto);
 - b. Definitude e referência;

- c. Anáfora, pronome e concordância;
- d. Tempo, aspecto, modalidade e negação;
- e. Transitividade;
- f. Topicalização;
- g. Foco e contraste;
- h. Relativização;
- i. Atos de fala;
- j. Junção oracional e subordinação.

Por considerar a gramática como um sistema de base biológica, adaptativamente motivada, sendo, em princípio, não-arbitrária, Givón defende o princípio da iconicidade na língua. Esse princípio advém do trabalho do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce e pode ser definido, de maneira geral, como a propriedade de similaridade entre um item e outro. Peirce fez a distinção entre dois tipos de iconicidade – a imagética e a diagramática (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Iconicidade imagética diz respeito à semelhança sistemática entre um item e seu referente, como uma fotografia ou uma escultura de uma pessoa, que procuram espelhar tal pessoa. Já a iconicidade diagramática refere-se à combinação sistemática de signos na qual vários fenômenos gramaticais refletem vários aspectos do mundo que nos rodeia, do mundo conforme o experienciamos (cf. DUTRA, 2003). Um exemplo bem conhecido de iconicidade diagramática é a tendência de a ordem dos eventos numa narrativa coincidir com a ordem em que ocorreram no mundo real, como na famosa citação de César “Veni, vidi, vici” (Vim, vi, venci), que espelha a ordem em que os fatos mencionados aconteceram.

A iconicidade da gramática não é absoluta, mas apresenta graus. Na maioria das construções, mecanismos mais icônicos (ou *princípios*) combinam-se com mecanismos mais arbitrários, convencionalizados, simbólicos (ou *regras*). Givón (*op. cit.*, p. 34 e 35) apresenta alguns princípios que refletem a iconicidade lingüística, quais sejam:

(1) Regras de entonação

- a. Acento e previsibilidade: “Fatias de informação menos previsíveis são acentuadas”
- b. Melodia e relevância: “Fatias de informação que conceptualmente estão juntas são embaladas juntas sob um mesmo contorno melódico”
- c. Pausa e ritmo: “O tamanho da quebra temporal entre fatias de informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva ou temática entre elas”

(2) Regras de espaçamento

- a. Proximidade e relevância: “Fatias de informação que conceptualmente estão juntas são mantidas em proximidade espaço-temporal”
- b. Proximidade e escopo: “Operadores funcionais são mantidos mais próximos dos operandos aos quais são relevantes”

(3) Regras de seqüência

- a. Ordem e importância: “Uma fatia de informação mais importante é colocada na frente (*fronted*)”
- b. Ordem de ocorrência e ordem reportada: “A ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem lingüística dos eventos”

(4) Regras de quantidade

- a. Expressão zero e previsibilidade: “Informação previsível – ou já ativada – será deixada não-expressa”
- b. Expressão zero e relevância: “Informação não importante ou não relevante será deixada não-expressa”

Krug (2001) defende a existência da iconicidade paradigmática, afirmando que a iconicidade não é necessariamente destruída no decorrer do processo de

gramaticalização; é apenas transformada. Esse autor propõe um *Princípio da Iconicidade das Categorias Gramaticais*, afirmando que:

“quanto mais uma forma se refere ao que é translingüisticamente percebido como um morfema gramatical, mais distinta será sua forma lingüística das formas vizinhas e de sua construção fonte sintagmaticamente, e mais semelhante será das formas correlatas paradigmaticamente” (*op. cit.*, p. 322)

Esse princípio destaca que a iconicidade, assim como a gramaticalização, tem uma dimensão sintagmática e uma paradigmática. Logo, quando uma forma se gramaticaliza, perde em iconicidade sintagmática e ganha em iconicidade paradigmática, um tipo ainda mais abstrato de iconicidade. Krug (*op. cit.*) ilustra seu princípio com um grupo de verbos modais do inglês, os quais são denominados por ele de *modais emergentes*, como BE GOING TO, HAVE GOT TO e WANT TO, que, ao se gramaticalizarem, sofrem um processo de univerbação, através do qual há redução em sua estrutura fonológica, resultando num paradigma para esse grupo de verbos: verbos formados por duas sílabas, segundo o padrão /'CVCə/, no qual **C** representa a consoante, **V** a vogal e **ə** a *schwa* – uma vogal final reduzida. Assim, temos:

(38) want to > wanta > wanna

(39) is/am/are going to > 's/'m/'re going to > gonna

(40) have/has got to > 've/'s got to > gotta

Givón também defende o princípio da marcação, oriundo da lingüística estruturalista. Os lingüistas da Escola de Praga fizeram um refinamento da noção saussureana de *valor lingüístico* em distinções binárias em que um membro do par tem *presença* de uma propriedade e outro tem *ausência*.

Para Givón, a marcação pode ser vista como um meta-princípio icônico, expressando a correlação, nem sempre perfeita, entre complexidade estrutural e funcional. Assim, pode-se dizer que: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas” (GIVÓN, 2001, p.38). Há também uma forte correlação entre marcação e frequência na medida em que a categoria marcada é menos freqüente no texto que a não-marcada.

Além disso, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, isto é, uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro. Por exemplo, na comunicação oral diária, construções ativas com sujeito pessoal são mais freqüentes (não-marcadas) que as passivas. Já em textos acadêmicos escritos, passivas com sujeito impessoal são mais freqüentes (não-marcadas).

3.4 Informatividade

O funcionalismo propõe explicações para os fenômenos lingüísticos com base em universais de natureza cognitivo-comunicativa. Uma característica universal da linguagem é que a informação não é transmitida em um único plano. Dessa forma, pode-se falar na existência de uma *assimetria informacional* em que algumas unidades parecem transmitir informações mais “velhas” do que outras (PRINCE, 1981). Esse *status* informacional das entidades discursivas seria reflexo das hipóteses do falante acerca das pressuposições, crenças e estratégias do ouvinte.

Prince (*op. cit.*), numa das mais relevantes pesquisas sobre o *status* informacional dos nomes, classifica as entidades discursivas (que são codificadas por sintagmas nominais) a partir da noção de *familiaridade presumida*⁷, isto é, o que o falante supõe ser “familiar”, conhecido ou que possa ser inferido pelo ouvinte numa interação. A autora classifica essas entidades em três grupos: *novos*, *evocados* e *inferíveis*.

⁷ Prince (1981) utiliza o termo *familiaridade presumida* como sinônimo de *conhecimento partilhado*. No entanto, descarta esse último devido à grande confusão que tem gerado. Segundo ela, falar em conhecimento partilhado é tomar a posição de um “observador onisciente”, o que não ocorre quando “humanos comuns, não-clarividentes, interagem verbalmente” (p. 232).

Um SN é *novo* quando aparece pela primeira vez no discurso (41). Um referente novo pode ser de dois tipos: *novo-em-folha* (*brand new*), se for totalmente novo, e *disponível* (*unused*), se estiver na mente do ouvinte por ter, normalmente, um referente único (42). São exemplos de referentes disponíveis *Natal, a terra*, etc. Os próprios referentes *novos-em-folha* podem aparecer *ancorados*, isto é, ligados a outros SN que remetem a entidades discursivas diferentes (43).

(41) Meu irmão comprou *uma moto* ontem.

(42) *Talmy Givón* fez uma conferência no congresso do D&G.

(43) *A mulher* que você conheceu ontem foi atropelada por uma van.

Evocados são os referentes que já ocorreram textualmente no discurso (*evocados textualmente*, exemplo 44) ou que representam aspectos salientes do contexto extralingüístico, incluindo os próprios participantes do discurso (*evocados situacionalmente*, exemplo 45).

(44) Você viu Maria? *Ela* queria falar com você.

(45) Você vai embora agora?

Por último, um referente é *inferível* quando o falante supõe que o ouvinte pode inferi-lo de entidades discursivas já *evocadas* ou de outras *inferíveis* (em 46).

(46) Eu entrei num ônibus ontem em que *o motorista* estava bêbado.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos o *corpus* consultado para a realização da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados, bem como os demais passos seguidos na execução deste trabalho.

Nossos dados provêm do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G). Esse banco de dados é constituído por depoimentos de informantes nativos de cinco cidades brasileiras: Juiz de Fora (MG), Natal (RN), Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS)⁸. A quantidade de informantes varia de acordo com a comunidade considerada e acha-se exposta no quadro a seguir:

Localidade	Informantes
Juiz de Fora (MG)	20
Natal (RN)	20
Niterói (RJ)	08
Rio de Janeiro (RJ)	93
Rio Grande (RS)	19

Os informantes foram distribuídos conforme três fatores: gênero (masculino e feminino), idade e nível de escolaridade. Houve correlação estreita entre esses dois últimos, do que resultou a seguinte distribuição:

- classe de alfabetização – infantil = de 5 a 8 anos;
- classe de alfabetização – adulto = acima de 18 anos⁹;
- quinto ano do ensino fundamental = de 9 a 11 anos;
- nono ano do ensino fundamental = de 13 a 16 anos;

⁸ Entre as localidades que compõem o *Corpus* Discurso & Gramática, apenas Natal (RN) teve suas entrevistas publicadas sob a forma de livro (cf. FURTADO DA CUNHA, 1998).

⁹ Os informantes desse grupo estão presentes apenas no *Corpus* D&G – Rio de Janeiro.

- terceiro ano do ensino médio = de 18 a 20 anos;
- último período do ensino superior = acima de 23 anos.

Cada um desses indivíduos produziu cinco tipos distintos de textos orais e as suas respectivas versões escritas, para assim facilitar a comparabilidade entre as modalidades falada e escrita da língua. Os tipos de textos são:

- (i) **narrativa de experiência pessoal:** o informante deveria contar uma história ocorrida consigo que fosse interessante, alegre ou triste;
- (ii) **narrativa recontada:** narração de um fato ocorrido por alguém conhecido do informante;
- (iii) **descrição de local:** o informante deveria descrever em detalhes o local onde mais gostava de ficar, passear, brincar;
- (iv) **relato de procedimento:** o informante deveria relatar algo que sabia fazer;
- (v) **relato de opinião:** o informante deveria opinar acerca de um dos temas preestabelecidos: a escola, para informantes da classe de alfabetização infantil e do quinto ano do Ensino Fundamental; pressões sociais (família, escola, religião e preconceito) e esporte, para informantes da classe de alfabetização de adultos; pressões sociais e relacionamentos afetivos (amizade e namoro), para informantes do nono ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio; e questões nacionais (educação, economia e política), para informantes do último período do Ensino Superior.

Após tomar contato com os *corpora* acima descritos, iniciamos o procedimento de coleta de dados. Para tanto, houve a leitura atenta de todos os textos que os compunham, a fim de se localizar as ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos. É importante destacar que as ocorrências de *AÍ* codificando outras funções como *dêitico*, *anafórico* e *conector*¹⁰ não foram consideradas na coleta.

¹⁰ Para estudos que tratam da multifuncionalidade do item lingüístico *AÍ* consultar Martelotta (1994), Braga e Paiva (2003) e Tavares e Görski (2006).

Ao final da coleta, foram encontradas ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade apenas nos *corpora* D&G-Natal e D&G-Rio. O *corpus* D&G-Natal contribuiu com 09 ocorrências e o D&G-Rio com 05, totalizando 14 ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos que constituem, assim, nosso *corpus* nesta pesquisa.

Após a coleta de dados, elegemos alguns grupos de fatores – lingüísticos e sociais – a fim de observar o comportamento de *AÍ* marcador de especificidade com relação a esses fatores, quantificando os dados. Os fatores considerados foram:

- tipo de texto em que a ocorrência foi encontrada;
- modalidade da língua em que foi produzida;
- função sintática desempenhada pelo SN especificado por *AÍ*;
- existência ou não de material interveniente entre *AÍ* e o nome nuclear do SN;
- *status* informacional do SN adjungido a *AÍ* marcador de especificidade;
- e os fatores sociais gênero e escolaridade/idade.

Além disso, aplicamos ao caso do *AÍ* marcador de especificidade postulados do funcionalismo lingüístico de vertente norte-americana que se encontram descritos no referencial teórico, e estabelecemos uma possível trajetória de gramaticalização percorrida por *AÍ* com base nos dados que coletamos e em princípios funcionalistas relacionados a esse fenômeno de mudança.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos e procuramos interpretar os dados coletados no *corpus* pesquisado. Em primeiro lugar, tratamos da trajetória de gramaticalização de *Aí* marcador de especificidade com base nos pressupostos teóricos delineados no referencial teórico. Em seguida, analisamos os dados, relacionando-os a fatores lingüísticos e sociais pertinentes aos seus contextos de uso.

5.1 O processo de gramaticalização de *Aí* marcador de especificidade

5.1.1 Os princípios de gramaticalização

Nesta seção, tratamos da atuação dos princípios de gramaticalização de Hopper (1991) no processo de gramaticalização de *Aí* marcador de especificidade de SN indefinidos.

5.1.1.1 Estratificação: *Aí* marcador de especificidade de SN indefinidos emergiu como uma das camadas mais recentes do domínio funcional da especificação nominal no português brasileiro (47) e convive com as camadas mais antigas, codificadas pelo pronome adjetivo indefinido *certo* (48) e adjetivos como *determinado* (49). No entanto, *Aí* marcador de especificidade parece restringir-se à modalidade oral da língua (cf. CONFESSOR, 2006), enquanto os outros marcadores de especificidade, por serem formas mais prestigiadas, ocorrem tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral.

- (47) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu

né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase *Aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

(48) aí um *CERTO* dia ... ele avista esse soldado que tinha espancado ele ... e a ... na mente dele veio a vontade de bater no soldado ... depois ele pensa e diz ... “não ... é melhor ... não bater” ... eu sei que o soldado já fica com medo dele ... porque o soldado também imaginava que ele fosse descontar o que ele tinha feito né ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

(49) Como se não bastasse há uma *DETERMINADA* hora na história que acontece um assassinato o de um professor muito querido dos alunos da escola. Em um de seus ataques de ciúmes Isabel vai para um laboratório da escola. Lá ela vê o assassinato do seu professor e fica no dilema de entregar o assassino e, talvez, ser assassinada também (*Corpus D&G Natal – parte escrita*).

5.1.1.2 ***Divergência:*** O princípio da divergência origina pares ou múltiplas formas possuindo a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente. É o que ocorre com *AÍ*. Apesar deste item gramatical ter dado origem a duas cadeias de gramaticalização diferentes (cf. BRAGA; PAIVA, 2003) e desempenhar diversas funções que convivem entre si no português brasileiro atual, tais como *anafórico*, *marcador de especificidade* e *conector* (cf. TAVARES; GÖRSKI, 2006), ainda continua codificando sua função original de *dêitico locativo* (exemplo 50), aliás, a única respaldada pela gramática normativa.

(50) e ... mas aí quando amanheceu o dia ... dessa viagem ... quando acabamos de namorar ... é:: cada um virou pro seu lado ... e tentou dormir um pouco ... descansar ... e quando eu ... pensava que ... porque tava amanhecendo o dia a gente ia começar a conversar ... ela disse ... “olha ... logo mais eu vou descer ... já está próximo da minha parada e ... eu vou descer ... foi muito bom te encontrar” ... aquelas despedidas né? aí eu

disse ... a ... “quem sabe eu não venho *AÍ* na tua cidade ... é tão fácil”
(*Corpus D&G Natal* – parte oral).

5.1.1.3 **Especialização:** No domínio funcional da especificação nominal não se pode falar, ao menos por enquanto, na aplicação desse princípio, uma vez que, dentre os vários marcadores de especificidade, nenhum parece ter se especializado no desempenho dessa função e todos co-ocorrem no português brasileiro atual.

Por outro lado, além da *especialização por generalização* proposta por Hopper, Tavares (2003, p. 68) aponta a possibilidade de *especialização por especificação*, segundo a qual

“as formas adversárias adquirem significados mais específicos e/ou passam a ser empregadas em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a competição. Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas cada uma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio”.

Assim, de acordo com essa proposta, *AÍ* se especializaria como marcador de especificidade de SN indefinidos apenas na modalidade oral da língua, ficando os outros constituintes do domínio funcional da especificação nominal à disposição dos usuários da língua para utilização em ambas as modalidades, conforme o grau de formalidade da situação comunicativa.

5.1.1.4 **Persistência:** Quanto a *AÍ* marcador de especificidade, o princípio da persistência parece explicar a ocorrência de dados ambíguos em nosso *corpus* de análise, em que há dúvida se *AÍ* é dêitico ou marcador de especificidade (51). Tal princípio parece justificar também a restrição de *AÍ* marcador de especificidade ao SN indefinido, já que esse item lingüístico não é integrado ao SN definido, atuando sempre como dêitico ou anafórico quando aparece nesse tipo de sintagma (52).

- (51) pra falar a verdade num existe ... complexo esportivo na UNIPEC não existe ... pra gente ... pra o pessoal treinar tem que ... se alu/ alugar o Palácio dos Esportes ... alugar o Sílvio Pedrosa ... outros lugares *AÍ* ... porque a gente num ... num tem aonde treinar (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (52) ... o pessoal de lá num tem aonde treinar ... então com essa ... essa unidade *AÍ* que será construída ... futuramente ... no Jiquí vai melhorar muito ... pra gente ... pena que eu num vou tá mais lá (*Corpus D&G Natal – parte oral*)

5.1.1.5 De-categorização: *AÍ* marcador de especificidade se gramaticalizou a partir de uma categoria já secundária – o advérbio – tornando-se um *clítico*, de posição relativamente fixa no interior do SN: sempre após o nome núcleo, nunca o contrário; ainda que, em alguns casos, admitindo a existência de um adjetivo interveniente entre esse item e o núcleo do SN (53).

- (53) Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) um fenômeno paranormal *AÍ* que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né .. (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

5.1.2 Os mecanismos de gramaticalização

5.1.2.1 Transferência metafórica: No que diz respeito a *AÍ*, em seu processo de gramaticalização como marcador de especificidade de SN indefinidos, parece-nos que

esse item migrou da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE, sem necessariamente passar pelas outras categorias. A QUALIDADE, segundo Heine et al. (1991a, p. 49), "é a mais genérica e difusa das categorias, podendo se referir, entre outros, a situações estáticas em oposição a dinâmicas, a conceitos não físicos em oposição a físicos". Sendo assim, a princípio, é possível considerar a especificação de SN indefinidos como vinculada à categoria QUALIDADE. Embora um marcador de especificidade não desempenhe a mesma função que um modificador (o tipo de constituinte frasal que prototipicamente está relacionado à categoria QUALIDADE e às classes de palavra *adjetivo* e *advérbio* – cf. seção 3.2.1), acreditamos que, dentre as categorias propostas por Heine et. al., a QUALIDADE é aquela em que podemos melhor encaixar o *AÍ* marcador de especificidade.

O processo de gramaticalização de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos pode, portanto, ser representado esquematicamente da forma que segue:

ESPAÇO > ESPAÇO/QUALIDADE > QUALIDADE

Nesse esquema, ilustrado pelos exemplos (54), (55) e (56), vemos a trajetória de gramaticalização de *AÍ*: inicialmente exercia apenas sua função fonte de dêitico locativo (ESPAÇO – exemplo 54); posteriormente, passou a desempenhar uma função híbrida, ambígua, um pouco dêitico, um pouco marcador de especificidade (ESPAÇO/QUALIDADE – exemplo 55); e por último, passou a atuar inequivocamente como marcador de especificidade de SN indefinidos (QUALIDADE – exemplo 56).

Também é possível representarmos o processo de migração de *AÍ* de forma mais específica como ESPAÇO > ESPAÇO/MARCAÇÃO DE ESPECIFICIDADE > ESPECIFICIDADE.¹¹

¹¹ Heine et al. (1991a) também propõem trajetórias mais específicas para certos processos de gramaticalização. Por exemplo, apresentam a seguinte trajetória como tipicamente envolvida na gramaticalização de conjunções: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo essa proposta, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do

O processo de gramaticalização de *Aí* também vem a reforçar o princípio de unidirecionalidade proposto, visto ser o significado de *Aí* marcador de especificidade bem mais abstrato do que seu significado fonte de advérbio de lugar, e a categoria QUALIDADE ser a última da trajetória de gramaticalização proposta por Heine et al., portanto a mais abstrata.

- (54) Marcos ... eu não pretendo ... por enquanto fazer mestrado em filosofia não ... eu pretendo fazer um outro curso *Aí* na universidade que será ... o educação artística (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (55) é ... tava com ele ... aí Jor/ aí seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando é:: ver um material *Aí*” ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (56) aí quando é agora né ... a professora me deu uma partitura de uma música *Aí* ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

5.1.2.2 Reinterpretação induzida pelo contexto: O processo de gramaticalização de *Aí* também é metonímico, na medida em que envolve mudanças por contigüidade, induzidas pelo contexto. Esse processo parece ocorrer da seguinte forma: num primeiro estágio, *Aí* dêitico locativo aponta para um lugar do mundo real e tem o sentido de “nesse lugar” (exemplo 57). Em certos contextos, *Aí* dêitico locativo licencia implicaturas de espaço mais abstratas, isto é, deixa de apontar apenas para um lugar do mundo real e passa a apontar para um ser que está nas redondezas ou um ser dentre um conjunto de seres num espaço próximo ao falante (exemplo 58). Da mesma maneira, outros contextos autorizam esse elemento a apontar de maneira ainda mais

espaço externo diretamente para o espaço textual. Os autores consideram a categoria TEXTO como pertinente à categoria QUALIDADE (um de seus subtipos).

abstrata para um ser que não está necessariamente presente no momento de produção do enunciado, mas que é específico para o falante (exemplo 59).

- (57) Marcos eu ... durante a semana tenho corrido *AÍ* na praia ... eu corro dois dias e três dias eu faço exercícios parado ... localizados mesmo ...
(*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (58) “olha ... talvez fosse bom se você é ... espelhasse essa montanha *AÍ* sobre essas ondas ficaria um efeito muito bonito” ... e eu aproveitei essas idéias gerais que ele vê ... que ele deu e ... e tentei melhorar o trabalho ...
(*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (59) o sistema falho de ... de ... de ... de polícia ... a corrupção que tem dentro da ... das ... da polícia é ... por exemplo tem o ... um cara que tá ... sei lá ... fazendo um serviço pra um ... um barão ... um marajá *AÍ* ... sei lá ... daí o cara mata ...aí “ó cê” ... o ... o marajá “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá”
(*Corpus D&G Natal – parte oral, p. 382*).

5.1.3 Iconicidade sintagmática versus iconicidade paradigmática

Na trajetória de gramaticalização de *AÍ*, pode-se também perceber, ainda que de maneira não tão explícita como no caso dos modais emergentes estudados por Krug (2001), a diminuição de iconicidade sintagmática e o conseqüente aumento de iconicidade paradigmática, visto que esse item lingüístico passa a fazer parte do paradigma dos marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, ao lado de *certo*, *determinado* e *específico*, e perde sua mobilidade como dêitico, passando a ter uma posição fixa no interior do SN. Além disso, *AÍ* parece ter sido o primeiro de um grupo de *marcadores de especificidade de SN emergentes*, que seriam codificados também pelos advérbios locativos *LÁ* e *ALI*, e teriam como estrutura paradigmática a seguinte:

um + N + marcador de especificidade

Os exemplos a seguir procuram corroborar tal hipótese, já que neles tanto o item *LÁ* (exemplo 60) quanto o item *ALI* (exemplo 61) parecem se comportar como marcadores de especificidade de SN, e não como dêiticos locativos.

- (60) aí falou lá pra ele que ele era ... ir lá em cima na parte desenterrar lá um negócio que tava enterrado lá ... uma pedra lá ... uma pedra sagrada de cima ... aí ... ele foi armado e tudo né ... foi armado com ... com revólver ... com espingarda ... e um cassetete *LÁ* ... que ele num tinha muita arma ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (61) eu acho por exemplo ... aí eu num sabia nem o que dizer ... eu tinha que dizer “eu fiquei com fulano ... a na festa” ... mas não ... mãe não gosta disso ... aí eu ... tem gente como ... tá certo que tem ... tem muitas pessoa como ... uma amiga minha *ALI* que ela disse que não gosta de ficar ... ela disse que nunca vai ficar ... mas ... eu ... eu di/ eu também dizia isso ... que eu nunca ia ficar ... aí sempre quando eu vou numa festinha ... tem vez que eu fico ... mas é muito difícil ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

5.2 Fatores lingüísticos e sociais

Nesta seção, descrevemos o comportamento dos dados, a partir de fatores de ordem lingüística e social. Os fatores que averiguamos foram: tipo de discurso em que a ocorrência foi encontrada, modalidade da língua em que foi produzida, função sintática desempenhada pelo SN modificado por *AI*, existência ou não de material interveniente

entre *AÍ* e o nome nuclear do SN, *status* informacional do SN adjungido a *AÍ*, e os fatores sociais gênero e escolaridade/idade.

AÍ marcador de especificidade de SN indefinidos apareceu em todos os tipos de texto (cf. tabela 1), embora com mais frequência no relato de opinião e na narrativa, já que a soma das ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade nos dois tipos de narrativa, de experiência pessoal e recontada, é igual ao número de ocorrências encontradas no relato de opinião. Destarte, os dados coletados indicam que parece não haver restrição quanto à ocorrência de *AÍ* marcador de especificidade em nenhum tipo de discurso.

Tabela 1: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade por Tipo de Texto

Tipo de Texto	Ocorrências	%
Narrativa de Experiência Pessoal	3	21,43
Narrativa Recontada	2	14,29
Descrição de Local	1	7,14
Relato de Procedimento	3	21,43
Relato de Opinião	5	35,71
TOTAIS	14	100%

Com relação à modalidade da língua, *AÍ* marcador de especificidade restringe-se, como era esperado, à oralidade (cf. tabela 2). Isso parece se dever ao caráter de informalidade característico dos usos desse item lingüístico, que é associado ao próprio caráter informal da oralidade ou mesmo por ele ser considerado uma forma de menor prestígio para a indicação da especificação de SN indefinidos. Na escrita, os itens que predominam nesse papel são *certo*, *determinado* e *específico*.

Tabela 2: Ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade por Modalidade da língua

Modalidade	Ocorrências	%
Oral	14	100
Escrita	-	-
TOTAIS	14	100%

O maior uso de *AÍ* marcador de especificidade na oralidade também poderia ser explicado pelo fato de ser a fala o *locus* mais comum para a gramaticalização de itens

lingüísticos, em comparação à escrita (cf. LEHMANN, 1991; GIVÓN, 2001). Assim, caso o emprego de *Aí* como marcador de especificidade seja recente no português, sua maior recorrência na fala não seria uma surpresa, pois o processo de aceitação das inovações lingüísticas pelas comunidades de fala tende a ser demorado. E, em geral, apenas quando essas inovações passam a ser consideradas adequadas, corretas, é que aparecem na escrita (LABOV, 2001). No entanto, não podemos fazer afirmações nesse sentido a respeito de *Aí* marcador de especificidade, já que não levamos a cabo um estudo diacrônico que nos permitisse identificar sua época de surgimento no português.¹²

No tocante à função sintática do SN especificado por *Aí* (cf. tabela 3), ele aparece relativamente bem distribuído, podendo especificar nomes em SN de várias funções sintáticas. A princípio, *Aí* marcador de especificidade pode aparecer em SN desempenhando qualquer papel sintático – a não ocorrência em alguns deles (sujeito, predicativos) seria talvez efeito de freqüência, uma vez que há poucos dados. Todavia, o fato de não haver nenhum dado em SN sujeito e o fato de haver uma forte predominância em SN objeto direto (cf. exemplo (62)) pode ser tomada como indício de que *Aí* marcador de especificidade deriva do uso do dêitico *Aí* em construção fonte usada no papel de objeto direto. Isso pode sinalizar ainda uma motivação pragmática, já que sujeitos tendem a ser geralmente tópicos, codificados principalmente por SN definidos.

- (62) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase *Aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

¹² A seguinte ocorrência, porém, revela que *Aí* já era utilizado como marcador de especificidade em 1940: “Tou num comitê. A gente ‘tá preparando um brinquedinho pra uns caras *Aí*.” (STEINBECK, 1940, p. 361).

Além disso, uma análise do *status* da informação geralmente codificada por um objeto direto pode contribuir para explicar porque há um maior uso de *Aí* marcador de especificidade junto a SN objeto direto. Essa análise pode ser conferida junto à tabela 6.

Tabela 3: Função Sintática do SN especificado por *Aí*

Função Sintática	Ocorrências	%
Sujeito	-	-
Objeto Direto	6	42,87
Objeto Indireto	1	7,14
Complemento Nominal	1	7,14
Adjunto Adnominal	1	7,14
Adjunto Adverbial	4	28,57
Predicativo do Sujeito	-	-
Predicativo do Objeto	-	-
Segmento Isolado ¹³	1	7,14
TOTAIS	14	100%

Quanto à existência de material interveniente entre *Aí* e o nome nuclear do SN (cf. tabela 4), há uma tendência de forte amarramento entre este e aquele (o *Aí* aparece junto ao nome em 71,43% das ocorrências), o que mostra o forte grau de integração que há entre ambos.

Aí tende a acompanhar o nome ao qual modifica, evidência de que é dependente dele sintaticamente. *Aí* marcador de especificidade pode ser considerado, portanto, um **clítico**, isto é, um morfema gramatical que atua no nível sintagmático e está preso fonologicamente a outra palavra. No que diz respeito a este último quesito, *Aí* não aparece no discurso de maneira isolada (como resposta a uma indagação, por exemplo), mas sempre ligado a um nome. Além disso, o SN indefinido com *Aí* tem entonação descendente, tendo *Aí* acento mais fraco que o nome, o que é mais um indício de que pertence ao SN: integra a unidade entoacional do elemento nominal a que acompanha.

¹³ Consideramos como 'segmento isolado' a ocorrência do exemplo (50), novamente transcrito aqui, uma vez que ela parece não estar vinculada sintaticamente nem à porção de discurso precedente nem à que a segue: Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) um fenômeno paranormal *Aí* que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né .. (Corpus D&G Natal – parte oral).

Todavia, *Aí* marcador de especificidade pode vir ou junto ao nome núcleo do SN ou junto a um adjetivo modificador desse nome núcleo, o que não é argumento contrário à sua natureza clítica, pois, segundo Payne (1997) – já citado no capítulo de apresentação do fenômeno – o hospedeiro de um clítico pode ser qualquer um dos constituintes do SN.¹⁴

O tipo de material interveniente encontrado em nossa amostra é sempre um adjetivo ou um advérbio *muito* + um adjetivo por ele modificado. A possibilidade de haver um adjetivo entre o nome e o marcador de especificidade, na verdade, não implica não haver integração entre o nome e *Aí* marcador de especificidade, e sim diferentes formas de colocação dos itens modificadores do nome no SN indefinido: se há adjetivos, o marcador de especificidade pode vir adjungido ao nome (grau máximo de integração) e o adjetivo segue-se ao marcador de especificidade (62), ou o adjetivo pode vir adjungido ao nome acompanhado ou não por um advérbio (63), mas ainda assim preso a ele como clítico, sem possibilidade de existência isolada daquele item ao qual especifica. Além disso, não há, na amostra de dados considerada, casos de pausa entre o nome núcleo e o *Aí* marcador de especificidade, o que é mais uma mostra do alto grau de integração que há entre eles.

(63) “deixou [uma frase *Aí* muito interessante]” (*Corpus D&G Natal* – parte oral).

(64) “meu pai... [estava numa crise enorme *Aí*]...” (*Corpus D&G Rio* – parte oral).

Tabela 4: Existência de Material Interveniente entre *Aí* e o núcleo do SN

Material Interveniente	Ocorrências	%
Sim	04	28,57
Não	10	71,43
TOTAIS	14	100%

¹⁴ Cf. capítulo da apresentação do fenômeno para o exemplo citado por Payne (1997).

Aí marcador de especificidade de SN indefinidos tende a aparecer, como já era esperado, em SN de *status* informacional *novo* (cf. Tabela 5), já que, de acordo com Görski 1994 (*apud* FURTADO DA CUNHA et al., 2003), referentes *novos* no discurso geralmente são introduzidos por SN indefinidos.

Tabela 5: *Status* informacional de SN indefinidos com *Aí* marcador de especificidade

STATUS INFORMACIONAL		
Tipo de SN	Ocorrências	%
Novo	11	78,6
Repetido ¹⁵	03	21,4
Inferível	-	-
TOTAIS	14	100%

Todavia, merecem ser comentados os três casos em que *Aí* aparece em SN indefinidos cujos referentes já foram mencionados previamente, também em SN indefinidos. Esses SN são, portanto, repetidos no discurso, por alguma razão.

- (65) aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou *uma frase* ... pra ele ... deixou *uma frase* *Aí* *muito interessante* e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (66) no prédio três ... vão ser construídas ... construído também uma ... uma quadra né ... na parte esportiva ... vai ser construído também mais uma ... uma quadra ... *um ginásio* ... falam *num ginásio* *Aí* ... num sei se vai ser lá ... lá dentro ou fora ... e também é ... andaram falando aí que vai ser construída uma ... uma unidade aqui no Jiquí ... né ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

¹⁵ Optamos por essa classificação, já que os SN indefinidos acrescidos de *Aí* marcador de especificidade que apareceram repetidamente não podem ser considerados *novos* (por representarem a segunda menção a um mesmo referente) nem parecem ser *evocados* prototípicos, pois, apesar de não representarem informação nova, são codificados por SN indefinidos.

- (67) o Collor... e os ministros atrás de uma trincheira... com umas armas assim... e:... e... e eu acho que era a Zélia que estava falando “acho que acabamos de vez com a classe média... dessa vez...” né? ((risos)) tipo... aquela coisa assim de dizimar mesmo... que... as coisas vão acontecendo... a situação vai ficando cada vez pior... né? tipo... meu pai... estava *numa crise enorme* *AÍ*... tipo... com o plano... que seguraram tudo... ele era da construção civil... e acabaram com a construção civil praticamente... né?... e:... acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? estava difícil... e ele passou uma... *uma crise danada* *AÍ*... muita gente falindo... muita gente fechando... e ele tendo que segurar... e/ eu não estou/ eu não... eu não trabalho ainda mesmo... eu estou estagiando... não estou sendo remunerada por enquanto... né? (Corpus D&G Rio – parte oral).

Nos dois primeiros trechos, *AÍ* marcador de especificidade aparece quando da repetição do SN – *uma frase* em (65), *um ginásio* em (66) – num contexto de retomada de informações, em que o informante (o mesmo em cada ocorrência) procura revelar mais detalhes acerca dos referentes já mencionados, acrescentando *AÍ* + atributos (65) ou apenas fazendo uso do marcador de especificidade (66). Já no exemplo (67), *AÍ* marcador de especificidade acompanha tanto o SN *novo* “*uma crise enorme* *AÍ*” quanto o *repetido* “*uma crise danada* *AÍ*”. Esse recurso parece ter sido empregado pela informante após uma tentativa de explicitar a que tipo de crise ela estava se referindo, tentativa talvez não tão bem sucedida, daí a repetição do SN com *AÍ*, alterando apenas o atributo. Ou, numa outra leitura, essa repetição talvez possa se dever ao fato de a informante querer enfatizar a *crise* pela qual o pai passou.

Quanto aos SN de *status* informacional *novo*, destaco o seguinte caso:

- (68) pra leitura de partitura você tem que ... tem que ... tem que ter paciência porque ... o negócio ... você ... quando ... quando a pessoa tem ouvido pra ... quer pegar logo todas as músicas de ouvido ... “a num sei quê ... essa

música eu quero aprender” ... aí você acaba esquecendo da partitura como eu no caso ... passei o que ... uns nove meses sem pegar numa partitura ... aí quando é agora né ... a professora me deu *uma partitura de uma música* *AÍ* ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

Nesse exemplo, apesar da repetição das palavras *partitura* e *música*, o sintagma nominal *uma partitura de uma música* *AÍ* não possui referente idêntico aos SN anteriores, pois ocorre nele a primeira menção a uma música cuja partitura o informante levou cinco aulas para aprender. O falante sabe de que música se trata, e revela isso ao ouvinte através do uso de *AÍ*, mas não informa a ele qual é a música.

Com relação à função sintática dos SN especificados por *AÍ* nessa amostra, pode-se perceber que os SN de *status* informacional *novo* predominam na função de objeto direto, que são geralmente codificadores de informações novas, através de sintagmas indefinidos (cf. Tabela 6), como já tínhamos assinalado num estudo anterior (CONFESSOR, 2006). No tocante às outras funções sintáticas, como os adjuntos adverbiais, que não são codificados por SN, vale ressaltar que foi considerado o SN como constituinte do sintagma preposicional maior, vez que qualquer sintagma pode conter um SN menor (TRASK, 2006), o que pode ser conferido no exemplo a seguir:

(69) ... meu pai... estava *numa crise enorme* *AÍ*... (*Corpus D&G Rio – parte oral*).

Tabela 6: Status informacional dos SN com *Aí* distribuídos por função sintática

Função Sintática	Novo		Repetido	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Objeto Direto	04	36,3	02	66,7
Objeto Indireto	01	9,1	01	33,3
Adjunto Adnominal	02	18,2	-	-
Adjunto Adverbial	03	27,3	-	-
Segmento Isolado	01	9,1	-	-
TOTAIS	11	100%	03	100%

Quanto ao fator social *gênero*, *Aí* marcador de especificidade é mais recorrente na fala dos homens do que na das mulheres (cf. Tabela 7). Talvez esse resultado seja reflexo da tendência de os homens usarem mais as formas estigmatizadas e menos prestigiadas (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003), caso de *Aí* marcador de especificidade, considerado pelos usuários da língua em geral como vinculado à informalidade (ou mesmo um vício de linguagem). Relativamente à variável *gênero*, Labov (2001, p. 262) aponta que “[...] é um poderoso fator de diferenciação em quase todos os casos de estratificação social estável e de mudança em progresso já estudados”. Consoante Labov (*op. cit.*) e Chambers (1995), em situações sociolingüísticas estáveis, os homens usam com maior frequência formas não padrão do que as mulheres, que tendem a preferir formas prestigiadas. De qualquer forma, há poucos dados para maiores conclusões.

Tabela 7: Ocorrências de *Aí* marcador de especificidade distribuídas por gênero

Gênero	Ocorrências	%
Masculino	09	64,29
Feminino	05	35,71
TOTAIS	14	100%

Por fim, quanto ao fator *escolaridade/idade*, o resultado foi inesperado (cf. tabela 8). Por conta do caráter de informalidade que cerca o uso de *Aí* como marcador de especificidade e mesmo de menor prestígio em relação a outros itens de especificidade como *certo* e *determinado*, esperávamos que predominasse entre indivíduos de menor

escolaridade, que tiveram menos tempo de contato com um estudo sistemático das formas da língua culta, o que não aconteceu.

É preciso a obtenção de um maior número de dados para aprofundar a questão, até porque não há um padrão de uso identificável: o item ocorre com frequência similar entre informantes de 5º e 9º ano, mas não ocorre entre informantes do Ensino Médio, voltando a recorrer, com a frequência mais alta, entre os informantes do Ensino Superior. Uma explicação pode ser aventada, porém: o uso de *Aí* marcador de especificidade desaparece no Ensino Médio porque estudantes do terceiro ano possuem mais consciência sobre o caráter estigmatizado da forma, após 11 anos ou mais de estudo, e volta a aparecer ao final do Ensino Superior, em que boa parte dos estudantes não está mais submetida ao estudo sistemático da língua culta. Contudo, é preciso averiguar essa questão com maior refinamento.

Tabela 8: Ocorrências de *Aí* marcador de especificidade distribuídas por nível de escolaridade/ idade

Escolaridade/ Idade	Ocorrências	%
Classe de Alfabetização Infantil / 5 a 8 anos	-	-
Quinto Ano do Ensino Fundamental / 9 a 11 anos	2	14,28
Nono Ano do Ensino Fundamental / 13 a 16 anos	3	21,43
3.º Ano do Ensino Médio / 18 a 20 anos	-	-
Ensino Superior/ + de 23 anos	9	64,29
TOTAIS	14	100%

5.3 Implicaturas conversacionais

Nesta seção, observamos quais as implicaturas conversacionais presentes em nosso *corpus*. Ressaltamos que uma mesma ocorrência pode envolver mais de uma implicatura diferente, já que essas inferências são sempre contextualmente dependentes.

Tabela 9: Implicaturas conversacionais presentes nas ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade

	Implicatura	Ocorrências	%
01.	O falante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais acerca do referente do SN.	13	92,9
02.	A informação não vem ao caso no momento da interação.	09	64,3
03.	A informação é pouco importante/ insignificante.	05	35,7
04.	Há algo negativo a respeito do referente / o referente tem valoração negativa.	01	7,1
05.	O falante não conhece a identidade do referente do SN	01	7,1

A implicatura conversacional mais freqüente na amostra analisada é a de que o falante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais a respeito do referente do SN indefinido acrescido de *AÍ* marcador de especificidade, presente em quase todas as ocorrências. Esse fato pode indicar que tal implicatura pode estar quase fazendo parte do significado da expressão. A seguir, apresentamos alguns exemplos que envolvem outras implicaturas¹⁶ :

- (70) o Collor... e os ministros atrás de uma trincheira... com umas armas assim... e::... e... e eu acho que era a Zélia que estava falando “acho que acabamos de vez com a classe média... dessa vez...” né? ((risos)) tipo... aquela coisa assim de dizimar mesmo... que... as coisas vão acontecendo... a situação vai ficando cada vez pior... né? tipo... meu pai... estava *numa crise enorme AÍ*... tipo... com o plano... que seguraram tudo... ele era da construção civil... e acabaram com a construção civil praticamente... né?... e::... acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? estava difícil... e ele passou uma... *uma crise danada AÍ*... muita gente falindo... muita gente fechando... e ele tendo que segurar... e/ eu não estou/ eu não... eu não trabalho ainda mesmo... eu estou estagiando... não estou sendo remunerada por enquanto... né? (*Corpus D&G Rio – parte oral*).

¹⁶ Alguns desses exemplos foram apresentados anteriormente quando abordamos outras categorias de análise, mas serão repetidos com nova numeração a fim de facilitar a compreensão.

- (71) toco tanto ... toco tanto que decoro ... aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música *Aí* que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar (*Corpus D&G Natal – parte oral*)
- (72) outra coisa que engloba o ... a pena de morte ... o sistema falho de ... de ... de ... de polícia ... a corrupção que tem dentro da ... das ... da polícia é ... por exemplo tem o ... um cara que tá ... sei lá ... fazendo um serviço pra um ... um barão ... um marajá *Aí* ... sei lá ... daí o cara mata ...aí “ó cê” ... o ... o marajá “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá” (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

Em (70), nas duas ocorrências de SN indefinidos com *Aí* podem ser depreendidas duas implicaturas: a primeira é a de que a informante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais sobre a identidade do referente do SN, isto é, ela sabe que tipo de crise o pai enfrentou durante o governo Collor, apesar de não apresentar maiores detalhes sobre essa crise. A segunda implicatura presente é a de que os detalhes dessa informação não vêm ao caso no momento desse depoimento.

Já em (71) há três implicaturas presentes: além da primeira, presente em todas as ocorrências, que diz respeito ao conhecimento do falante de uma ou mais propriedades ou da identidade do nome especificado por *Aí*, pode-se perceber que o informante considera não vir ao caso no momento de interação detalhar quais músicas ele consegue tocar sem a utilização de uma partitura, o que acaba gerando uma terceira implicatura: a de que essa informação era pouco relevante para o entendimento da mensagem.

Podem-se depreender também três implicaturas de (72): o falante não conhece a identidade do referente do SN indefinido, o que pode ser inferido através da dupla utilização do marcador discursivo *sei lá* e da reformulação do discurso do informante, já que ele, ao se referir a esse *marajá aí*, utiliza antes também a expressão *um barão*, talvez por não ter muita certeza de qual a palavra mais adequada para se referir à

classe de possas que, segundo ele, estão acima da lei; essa informação não vem ao caso para os propósitos da comunicação corrente; há algo negativo a respeito desse referente, pois, ao utilizar o SN “um marajá *AÍ*”, o informante provavelmente também quis transmitir a idéia de que ser um marajá não é uma boa coisa para a sociedade brasileira. Essa valoração negativa não advém do sentido da palavra *marajá*, já que uma de suas acepções, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), é “funcionário público ou de empresa pública cujo salário e demais vantagens são exorbitantemente altos”, o que não quer dizer que seja uma coisa intrinsecamente má. No entanto, o informante parece pretender implicar, através do uso de *AÍ* no SN, que ser um marajá é algo reprovável, e, logo na seqüência, esclarece em que contexto se dá essa valoração negativa: no contexto de transgressão deliberada da lei sem sujeição a sanções.

Nos dados analisados, não foi encontrada nenhuma ocorrência da implicatura de que havia um conhecimento mútuo por parte de falante e ouvinte acerca da identidade ou do nome acrescido de *AÍ*, que também havia sido descrita como uma das implicaturas possíveis nos contextos de uso desse item lingüístico.¹⁷ Entretanto, apresentamos um dado em que essa implicatura está presente, observado na fala de um pastor evangélico durante um culto religioso em uma cidade do interior do estado. Justifica-se a inclusão desse outro dado, além dos que foram usados para a quantificação, pelo fato de que estes últimos não mostram toda a gama de possíveis implicaturas envolvidas no uso de *AÍ* marcador de especificidade.

(73) “O irmão **F** tem enfrentado lutas *AÍ* de enfermidade, né?” (P., Ensino Superior, 02/03/2008).

Nesse exemplo, o falante, dirigindo-se à congregação a respeito de certo irmão que estava presente no momento e passava por problemas de saúde, parece utilizar um SN acrescido de *AÍ* marcador de especificidade com um duplo propósito: primeiramente, para implicar que não pretende mencionar maiores detalhes acerca das *lutas de enfermidade* enfrentadas pela pessoa a quem se referiu, talvez porque não queira tecer

¹⁷ Cf. Capítulo da Apresentação do fenômeno, seção 1.4.

comentários aprofundados sobre tais lutas em público, já que se trata de um assunto particular; e, por outro lado, porque tem conhecimento de que seus ouvintes partilham da mesma informação sobre a enfermidade da pessoa mencionada, que é conhecida por todos eles. Esse fato pode também ser reforçado pela presença do marcador discursivo *né*, que parece ter sido empregado para buscar a adesão ou confirmação dos ouvintes.

O exemplo (74) a seguir também merece ser comentado, não por causa das implicaturas que o falante pretende transmitir de que a informação não vem ao caso naquele momento de interação ou de que se trata de algo pouco importante, mas para ilustrar que às vezes o ouvinte sabe mais sobre aquilo que o falante quer esconder do que este imagina...

(74) A: Você anda tão tenso, né?

B: Tô tendo uns problemas *Aí*, mas vai passar. (Novela *Malhação*, 13/04/2007).

Em (74), o falante A aproxima-se de B a fim de saber como ele está. Contudo, o contexto anterior da novela mostra ao telespectador que A já sabe o que está acontecendo com B e, inclusive, foi responsável indiretamente por alguns dos problemas enfrentados por essa personagem, embora B não tenha conhecimento desse fato. Ao responder à pergunta, o falante B tenta explicitar que os problemas pelos quais está passando não são tão importantes e que não vêm ao caso no momento daquela interação, através do uso de *Aí* marcador de especificidade. Entretanto, o falante A – que já sabe de que problemas se tratam – pretende mesmo é conferir se o plano do qual participou para prejudicar B funcionou. Assim, ao ouvir a resposta de B, A descobriu que o plano havia sido concluído com sucesso.

Além das implicaturas apresentadas aqui, pode haver ainda outras, envolvidas em outros contextos de uso de *Aí* marcador de especificidade, as quais não foi possível descrever devido aos poucos dados obtidos.

6 SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Neste capítulo, discorreremos sobre a importância da formação do professor para um ensino de gramática mais produtivo, sugerindo também exercícios envolvendo itens marcadores de especificidade da língua. A gramática, como vimos, é constituída de um repertório de estratégias lingüísticas rotinizadas empregadas pelos falantes em suas interações diárias, fortemente suscetível a variações e mudanças. Dessa forma, pode-se falar na existência de uma gramática múltipla¹⁸. Com relação à proposta defendida aqui, destacamos, em primeiro lugar, a necessidade de o professor tornar-se um pesquisador da língua; para tanto, fazemos coro com Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 15) que afirmam que o primeiro passo em direção a um ensino de gramática com uma nova roupagem, mais prazeroso para o professor e para o aluno:

“seria um conhecimento mais amplo por parte do professor sobre a estrutura e o funcionamento da língua. O professor precisa entender sobre seu objeto de estudo, não apenas baseando-se em estudos lingüísticos de diferentes vertentes, mas também buscando observar e refletir por conta própria a respeito dos fenômenos lingüísticos do cotidiano (e estimulando os alunos a também assim procederem)”.

Para esse projeto, o professor deverá despir-se de qualquer manto de preconceito com relação às variedades lingüísticas mais informais e desprestigiadas e aos seus usuários, bem como às inovações lingüísticas, uma constante nessas variedades, e estar atento às mudanças, pois a forma estigmatizada de hoje poderá vir a ser a norma amanhã. Dessa guisa, o ensino gramatical não deve se restringir exclusivamente à variedade escrita padrão como se essa fosse a única representante da realidade lingüística brasileira, muito antes pelo contrário: os alunos devem entrar

¹⁸ Utilizamos a expressão “gramática múltipla” em referência às diferentes possibilidades de codificação que determinada função lingüística pode apresentar em uma língua e que podem ser ampliadas ou reduzidas com o passar do tempo, através do processo de gramaticalização. Assim, tal expressão pode ser tomada também como sinônimo de gramática emergente (HOPPER, 1987).

em contato com as outras variedades, tão ricas e expressivas quanto a padrão, a fim de ampliarem seu repertório lingüístico e também observarem, através de atividades de leitura e produção de textos, em quais contextos certas formas e construções lingüísticas são mais adequadas tanto na fala quanto na escrita.

Um outro tópico interessante em que a lingüística funcional pode ajudar o professor em sua pesquisa a respeito dos fatos da língua é o da mudança lingüística, em especial a surgida através da gramaticalização. O professor pode abordar em sala de aula a origem histórica de algumas formas lingüísticas motivando os alunos a refletirem, em maior ou menor grau, sobre a mudança na língua. Todavia, não se deve esquecer que o texto tem de ser tanto o ponto de partida quanto o de chegada de todo esse trabalho.

Tavares e Confessor (no prelo) apontam que existem duas possibilidades para o estudo da gramática: (i) a perspectiva da forma, em que os alunos refletem sobre as várias funções codificadas por um item (por exemplo, os alunos podem observar o comportamento de *Aí* como advérbio, conector, marcador de especificidade de SN indefinidos, etc); (ii) a perspectiva da função, em que os alunos refletem sobre diferentes itens que desempenham uma mesma função. Sob essa perspectiva, podem ser tratados fenômenos como referência, quantificação, qualificação, localização espacial, indicação temporal, negação, modalidade, indeterminação, especificação, conexão entre orações, etc – os alunos buscam descobrir que recursos formais os falantes/escritores utilizam para expressar cada uma dessas funções e sob quais circunstâncias. As sugestões que fornecemos aqui contemplam esta última perspectiva.

Passemos agora a algumas sugestões de atividade envolvendo o item lingüístico *Aí* marcador de especificidade de SN indefinidos. Esse item aparece na vida cotidiana do aluno em vários gêneros, especialmente nos gêneros orais e escritos informais (vide exemplos abaixo). Além disso, o próprio aluno pode utilizá-lo, talvez em um contexto não esperado, por falta de domínio das propriedades de algum gênero ou de uma variedade mais formal da língua. Assim, se um aluno, ao tomar contato com *Aí* marcador de especificidade em contextos semelhantes aos dos exemplos acima, perguntar ao professor: “*que* *Aí* é esse?”, este não poderá dizer que se trata de uma

palavra sem função, que não existe esse uso na língua ou que se trata de um vício de linguagem, como poderiam responder professores mais resistentes às inovações lingüísticas. Conforme exposto no primeiro capítulo, esse *AÍ* é uma forma lingüística com função definida – marcar a especificidade de SN indefinidos – e está longe de ser um vício de linguagem. Cabe ao professor, então, promover um trabalho de reflexão lingüística com seus alunos, propondo exercícios como os sugeridos abaixo.

(75) A: Orelha, seu sumido! Faz tempo que não aparece!

B: Sei lá, tenho andando ocupado, fazendo umas paradas importantes *AÍ*.
(*Folha de São Paulo*, 03/07/2001).

(76) A: Você quer jantar?

B: Eu jantei com um amigo. Tínhamos que conversar sobre um negócio *AÍ* que tá pintando. (Novela *Páginas da Vida*, 10/07/2006).

(77) A: Você anda tão tenso, né?

B: Tô tendo uns problemas *AÍ*, mas vai passar. (Novela *Malhação*, 13/04/2007).

O professor pode levar para a sala de aula textos que contenham *AÍ* marcador de especificidade e pedir aos alunos que, divididos em pequenos grupos, discutam e procurem estabelecer um significado e atribuir uma função para o *AÍ* em questão (a natureza e a profundidade das reflexões feitas pelos alunos podem variar conforme o nível da turma, mas esse é um exercício que pode ser realizado tanto nas últimas séries do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio). Em seguida, os alunos podem ser instigados a fazer um levantamento de outras palavras que desempenham a mesma função que *AÍ* marcador de especificidade, reescrever os textos substituindo uma forma marcadora de especificidade pela outra para observar se isso acarreta ou não mudança semântica ou de formalidade e verificar em quais contextos *AÍ* marcador de especificidade pode aparecer na fala e na escrita. Espera-se que os alunos constatem que *AÍ* marcador de especificidade tende a predominar na fala e na escrita mais

informais, devido ao seu baixo prestígio social, ao passo que outros marcadores de especificidade de SN indefinidos como *certo* e *determinado*, por exemplo, predominam na escrita (conforme atestam os exemplos a seguir).

- (78) Em uma *CERTA* ocasião, quando estavam com fome, a cachorra trouxe uma caça e a sinhá ficou feliz, fazendo uma festa ao beijar a boca da cachorra. (*Corpus D&G Natal – parte escrita*).
- (79) A religião católica é boa, no entanto, não admite questionamento, ou seja, não consegue explicar *DETERMINADAS* coisas, como: se Deus é tão bom, por quê nas ruas encontramos pessoas deficientes sofrendo? se Deus prega a igualdade, por quê essa discriminação de classes? (*Corpus D&G Natal – parte escrita*).

Um outro exercício possível é a gravação em áudio da fala espontânea de alguns alunos, professores ou de outras pessoas fora do ambiente escolar, a fim de se constatar a ocorrência ou não de *AÍ* e dos demais marcadores de especificidade. Além disso, também é possível fazer um mapeamento das várias outras funções codificadas por *AÍ* nessas amostras de fala.

Exercícios como os propostos podem ser o ponto de partida para que os alunos tornem-se usuários críticos da língua, não só conhecendo, mas também compreendendo as diferentes maneiras de codificação lingüística, conforme as diferentes variedades da língua.

A seguir, consta um exercício baseado nas propostas delineadas acima.

EXERCÍCIO

1. Observe a forma destacada no fragmento a seguir. Considerando o contexto em que ela apareceu, responda: qual é o seu sentido?

“... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase *Aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ...” (Corpus D&G Natal, p. 27).

2. Compare a forma em destaque do exercício anterior com as formas a seguir, e responda: houve mudança no sentido ou no grau de formalidade de um trecho para outro? Justifique.

“aí um *CERTO* dia ... ele avista esse soldado que tinha espancado ele ... e a ... na mente dele veio a vontade de bater no soldado ... depois ele pensa e diz ... “não ... é melhor ... não bater” ... eu sei que o soldado já fica com medo dele ... porque o soldado também imaginava que ele fosse descontar o que ele tinha feito né ... “ (Corpus D&G Natal, p. 78).

“Como se não bastasse há uma *DETERMINADA* hora na história que acontece um assassinato o de um professor muito querido dos alunos da escola. Em um de seus ataques de ciúmes Isabel vai para um laboratório da escola. Lá ela vê o assassinato do seu professor e fica no dilema de entregar o assassino e, talvez, ser assassinada também.” (Corpus D&G Natal, p. 205).

3. O trecho do exercício 1 é a transcrição da fala de uma pessoa, portanto tem características dessa modalidade da língua. Se você fosse reescrevê-lo, adaptando-o às características da modalidade escrita padrão, sem, contudo, alterar-lhe o sentido, você substituiria alguma palavra? Justifique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do caminho trilhado, cabe-nos agora fazer *umas considerações AÍ*... Em primeiro lugar, voltando ao objetivo geral deste trabalho, qual seja descrever e analisar, à luz do referencial teórico do funcionalismo lingüístico norte-americano, o comportamento de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos no português brasileiro contemporâneo, consideramos que tal objetivo foi alcançado satisfatoriamente, conforme veremos a seguir, em uma síntese de cada um dos capítulos que compõem esta dissertação. Na seqüência, apresentamos sugestões de propostas para estudos futuros envolvendo *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos, bem como os outros elementos constituintes do domínio funcional da especificação nominal.

No primeiro capítulo, tratamos do fenômeno da especificação nominal, especialmente do papel de *AÍ* como marcador de especificidade, abordando conceitos como definitude, indefinitude e especificidade, e também discorremos sobre as implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso de *AÍ*.

No segundo capítulo, fizemos um breve retrospecto de estudos anteriores acerca de *AÍ* como marcador de especificidade de sintagmas nominais indefinidos, apresentando suas principais contribuições para o estudo desse item lingüístico.

Expusemos, no terceiro capítulo, os principais postulados teóricos do funcionalismo norte-americano que nos serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente os que se relacionam ao processo de mudança lingüística via gramaticalização.

No quarto capítulo, por sua vez, descrevemos o *corpus* consultado para a realização da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados, bem como os demais passos seguidos na execução deste trabalho.

O quinto capítulo é o da análise dos dados, em que descrevemos e procuramos interpretar os dados coletados no *corpus* pesquisado, tratando da trajetória de gramaticalização de *AÍ* marcador de especificidade com base nos pressupostos teóricos

delineados no referencial teórico, especialmente os princípios de gramaticalização de Hopper (1991); os mecanismos de gramaticalização; e a questão da iconicidade paradigmática. Em seguida, analisamos os dados, relacionando-os a fatores lingüísticos e sociais pertinentes aos seus contextos de uso.

No sexto capítulo, tratamos da possibilidade de se abordar *AÍ* marcador de especificidade nas aulas de língua portuguesa, juntamente com os outros marcadores de especificidade da língua e sugerimos um exercício envolvendo esses itens.

Ao término dessa análise, pudemos concluir que:

- *AÍ* marcador de especificidade é uma das muitas formas lingüísticas constituintes do domínio funcional da especificação nominal, cuja função é acrescentar um traço de especificidade a um SN ao qual se adjunge.
- *AÍ* marcador de especificidade gramaticalizou-se como marcador de especificidade de SN indefinidos, migrando da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE (marcador de especificidade), sem necessariamente passar pelas outras categorias.
- *AÍ* parece ter sido o primeiro de um grupo de *marcadores de especificidade de SN emergentes*, que seriam codificados também pelos advérbios locativos *LÁ* e *ALI*, e tendo como estrutura paradigmática a seguinte: **um + N + marcador de especificidade**.
- Em seu atual estágio de gramaticalização como marcador de especificidade, *AÍ* aparece predominantemente na fala ou em textos que procuram representar a fala mais informal.
- *AÍ* tende a aparecer predominantemente em SN com função sintática de objeto direto, o que pode ser tomado como indício de que *AÍ* marcador de especificidade deriva do uso do dêitico *AÍ* em construção fonte usada no papel de objeto direto.
- *AÍ* marcador de especificidade pode ser considerado **clítico**, pois atua no nível sintagmático e está preso fonologicamente a um substantivo,

ainda que admitindo um adjetivo interveniente entre si e o nome núcleo do SN.

- *AÍ* marcador de especificidade tende a aparecer em SN de *status* informacional *novo*, já que referentes *novos* no discurso geralmente são introduzidos por SN indefinidos (Görski *apud* FURTADO DA CUNHA et al., 2003).
- As implicaturas conversacionais presentes nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade podem ser diferentes em cada ocorrência, sendo as mais comuns as seguintes: *o falante conhece alguma informação mais detalhada sobre o referente do SN ou até mesmo sua identidade; essa informação é apresentada como não sendo necessária para fins da conversação corrente; o referente do SN é pouco importante ou até mesmo insignificante para os propósitos da comunicação; há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa; há algo negativo a respeito do referente do SN.*

A pesquisa aqui realizada pode ainda servir como ponto de partida para outros estudos, como, por exemplo, a descrição das formas componentes do domínio funcional da especificação nominal – *AÍ*, *CERTO*, *DETERMINADO*, *ESPECÍFICO*, *DADO*, etc – numa perspectiva pancrônica. Uma outra pesquisa possível é a respeito de *ALI* e *LÁ* como novos candidatos ao posto de marcadores de especificidade de SN indefinidos, suas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, suas diferenças e semelhanças com relação a *AÍ*, o tipo de implicaturas conversacionais presentes em seus contextos de uso.

Um outro aspecto que ainda precisa ser detalhado é a influência dos fatores sociais (sexo e escolaridade/ idade) sobre os usos de *AÍ* marcador de especificidade. Cremos que precisamos de mais dados para averiguar essa questão com mais cuidado.

Finalizando a viagem, mas sem terminar a jornada, apontamos que é sempre possível dizer mais *umas coisas aí* a respeito desse item lingüístico...

REFERÊNCIAS

ABBOTT, B. Definiteness and indefiniteness. In: HORN, L. R.; WARD, G. (Eds.) **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 122-149.

BRAGA, M. L. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2003. p. 159-174.

_____; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.) **Português brasileiro** – contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 206-212.

CONFESSOR, F. W. Aí especificador de SN indefinidos: fatores lingüísticos e sociais. In: LINS, J. N.; BEZERRA, R. A.; NEGREIRO, C. A. de (Orgs.) **Linguagem e discussões culturais**. v. 1. Olinda: Livro Rápido, 2006. p. 115-126.

DU BOIS, J. W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. L. (Ed.) **The Pear Stories**: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production. Norwood, NJ: Ablex, 1980.

DUTRA, R. **O falante gramático**: introdução à prática de estudo e ensino do português. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ENÇ, M. The semantics of specificity. **Linguistic Inquiry**, vol. 22, nº 1, 1991. p. 1-25.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRRN, 1998.

_____; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Lingüística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; TAVARES, M. A. (Orgs.) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRRN, 2007.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I e II. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. **English grammar**: a function-based introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.

_____. **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GRICE, H. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística**. V. 4. Campinas: UNICAMP, 1982.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

_____; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1991b. p. 149-188.

HINTIKKA, J. The semantics of *A certain*. **Linguistic Inquiry** 17. 1986. p. 331-336.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **BLS**, v. 13, 1987. p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

_____. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum. 1998. p. 155-175.

_____; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. (Coord.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRUG, M. G. Frequency, iconicity, categorization: Evidence from emerging modals. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Eds.) **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 309-335.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEHMANN, C. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 493-535.

LEVINSON, S. C. Conversational implicature. In: **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 97-166.

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Tese. (Doutorado em Lingüística).

_____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Lingüística funcional**: teoria e prática. RJ: DP&A, 2003. p. 17-28.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MURO, A. A. La expresión del consenso en dos marcadores venezolanos. **Oralia**, n. 5, 2001. p.7-28.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.) **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. [Tradução brasileira por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro]. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação. (Mestrado em Lingüística).

_____. Um especificador *aí*. **D.E.L.T.A.**, n. 17, v. 2, 2001. p. 209-235.

_____. **A gramaticalização de *e*, *aí*, *daí* e *então***: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese. (Doutorado em Lingüística).

_____. Um elemento *Aí* que pode ser encontrado no *Corpus* Discurso & Gramática. **Anais do X Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Natal: Ed. da UFRN, 2006. CDRom.

_____; GÖRSKI, E. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. In: SILVA, C. R.; HORA, D.; CHRISTIANO, M. E. A. (Orgs.) **Lingüística e práticas pedagógicas**. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 127-148.

_____; CONFESSOR, F. W. Aí especificador na fala, na escrita e na escola. **Odisséia**. (no prelo).

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. 2ª ed. Traduzido por: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coords.) **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Impresso, 1995.

_____. **A língua falada e escrita na cidade de Rio Grande**: materiais para seu estudo. Impresso, 1996.

_____. **A língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora**: materiais para seu estudo. Impresso, 1997a.

_____. **A língua falada e escrita na cidade de Niterói**: materiais para seu estudo. Impresso, 1997b.

ANEXOS

ANEXO I:

Ocorrências de **AÍ** marcador de especificidade – *Corpus D&G Natal*

- (1) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou **uma frase AÍ muito interessante** e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (C., Ensino Superior, Narrativa recontada).
- (2) no prédio três ... vão ser construídas ... construído também uma ... uma quadra né ... na parte esportiva ... vai ser construído também mais uma ... uma quadra ... um ginásio ... falam **num ginásio AÍ** ... num sei se vai ser lá ... lá dentro ou fora ... e também é ... andaram falando aí que vai ser construída uma ... uma unidade aqui no Jiquí ... né ... (C., Ensino Superior, Descrição de local).
- (3) dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... porque ... eu num sei se eu já te falei ... Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) **um fenômeno paranormal AÍ** que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né ... (I., Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal).
- (4) I: é ... tava com ele ... aí Jor/ aí seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando é:: ver **um material AÍ** ... ele disse ... “olhe ... o senhor me desculpe mas é porque hoje talvez num vá ... num vá ter tempo não pra ... resolver ... esse seu pro/ e a gente num vai ter tempo pra resolver pequenos ... pequenos

clientes não” ... ((riso)) “a gente tá com muitas vendas de material e ... e hoje a gente tá só fazendo a distribuição geral pra os grandes é:: (compradores)” é ... então é ... o doutor Carrilho que tava comprando todo o material lá né ... pra mansão dele disse ... “olhe ... o senhor sabe com quem tá falando?” ((riso)) aí o homem disse ... “não ... num sei não e ... num deve ser coisa muito importante não” ... (I., Ensino Superior, Narrativa recontada).

- (5) E: porque eu ... fico olhando pra tela e só imagino essa tela sem a montanha ... mas além desse ... você tá pintando outra coisa?

I: não ... eu tava brincando com **um quadrinho pequeno AÍ** que tava logo abaixo da ... desse quadro ... e eu ... eu pintei um perfil meu .. de uma fotografia que eu tenho minha ...

E: há algum tempo atrás você falou que ia se dedicar a isso ... a pintar fotografias ... tinha inclusive feito já uma seleção ... abandonou esse projeto? (I., Ensino Superior, Relato de procedimento).

- (6) I: Marcos e ... sinceramente eu acho que eu já ... é ... matei toda a minha curiosidade no campo da filosofia ... no campo da filosofia ... eu estou muito satisfeito ... eu fiz o curso que eu gostaria de ter feito ... tô feliz ... vou terminar muito feliz ... talvez eu num terminasse **em nenhum outro curso AÍ** ... mas vou terminar dizendo assim ... estou realizado ... tô feliz ... fiz o curso que eu realmente queria ... (I., Ensino Superior, Relato de procedimento).

- (7) pra leitura de partitura você tem que ... tem que ... tem que ter paciência porque ... o negócio ... você ... quando ... quando a pessoa tem ouvido pra ... quer pegar logo todas as músicas de ouvido ... “a num sei quê ... essa música eu quero aprender” ... aí você acaba esquecendo da partitura como eu no caso ... passei o que ... uns nove meses sem pegar numa partitura ... aí quando é agora né ... a professora me deu **uma partitura de uma música AÍ** ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por

mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (V., 9º Ano do Ensino Fundamental, Relato de procedimento).

(8) e leio a partitura ... aí toco tanto ... toco tanto que decoro ... aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... **um bocado de música** **AÍ** que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar (V., 9º Ano do Ensino Fundamental, Relato de procedimento).

(9) outra coisa que engloba o ... a pena de morte ... o sistema falho de ... de ... de ... de polícia ... a corrupção que tem dentro da ... das ... da polícia é ... por exemplo tem o ... um cara que tá ... sei lá ... fazendo um serviço pra um ... um barão ... **um marajá AÍ** ... sei lá ... daí o cara mata ...aí “ó cê” ... o ... o marajá “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá” (V., 9º Ano do Ensino Fundamental, Relato de opinião).

ANEXO II:

Ocorrências de **AÍ** marcador de especificidade – *Corpus D&G Rio de Janeiro*

- (1) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas AÍ**... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... mora no Norte... nem ia/ como é que eu ia passar pra pegar uma fita de vídeo ainda... né?” (M., Ensino Superior, Narrativa de experiência pessoal).
- (2/3) o Collor... e os ministros atrás de uma trincheira... com umas armas assim... e::... e... e eu acho que era a Zélia que estava falando “acho que acabamos de vez com a classe média... dessa vez...” né? ((risos)) tipo... aquela coisa assim de dizimar mesmo... que... as coisas vão acontecendo... a situação vai ficando cada vez pior... né? tipo... meu pai... estava **numa crise enorme AÍ**... tipo... com o plano... que seguraram tudo... ele era da construção civil... e acabaram com a construção civil praticamente... né?... e::... acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? estava difícil... e ele passou uma... **uma crise danada AÍ**... muita gente falindo... muita gente fechando... e ele tendo que segurar... e/ eu não estou/ eu não... eu não trabalho ainda mesmo... eu estou estagiando... não estou sendo remunerada por enquanto... né? (R., Ensino Superior, Relato de opinião).
- (4) a diretora falou pra gente pagar eh... a caixa escolar... pra ter sempre a merenda... e as vassouras pra limpar... o pátio... pra limpar... é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros AÍ**... porque ninguém estava pagando caixa escolar... e aqueles que pagaram a caixa escolar... da/ eh... da outra... da outra sala... ainda ficaram sem livro... aí... (C., 5º Ano do Ensino Fundamental, Relato de opinião).

(5) E: o que que você pensa assim... eh... da aparência dela? você acha que ela... o que que você acha? da... da aparência... do aspecto físico dela...

I: ahn? eu acho... sei lá... sei lá...

E: eh... do jeito que ela é... a:/: você acha que ela é bem cuidada? ()

I: eu acho que ela é... bem cuidada... bem limpa... grande... agora a gente... só devemos ter/ valo... valoriar ela... né? dar valor a ela... né? que ela é uma escola grande e bonita... né? né? porque **tem muita gente AÍ**... que rabisca o banheiro... joga papel higiênico no chão... eh... faz xixi no chão... muita gente... faz isso... podendo dar valor... ao banheiro também... né? eles fazem isso... (M., 5º Ano do Ensino Fundamental, Relato de opinião).

ANEXO III:

Outras ocorrências de **AÍ** marcador de especificidade

- (1) A: Orelha, seu sumido! Faz tempo que não aparece!
B: Sei lá, tenho andando ocupado, fazendo **umas paradas importantes AÍ**. (*Folha de São Paulo*, 03/07/2001).
- (2) A: Você quer jantar?
B: Eu jantei com um amigo. Tínhamos que conversar sobre **um negócio AÍ** que tá pintando. (Novela *Páginas da Vida*, 10/07/2006).
- (3) A: Você anda tão tenso, né?
B: Tô tendo **uns problemas AÍ**, mas vai passar. (Novela *Malhação*, 13/04/2007).
- (4) “O irmão **F** tem enfrentado **lutas AÍ de enfermidade**, né?” (P., Ensino Superior, 02/03/2008).
- (5) “A gente ‘tá preparando um brinquedinho pra **uns caras AÍ**.” (STEINBECK, 1940, p. 361).